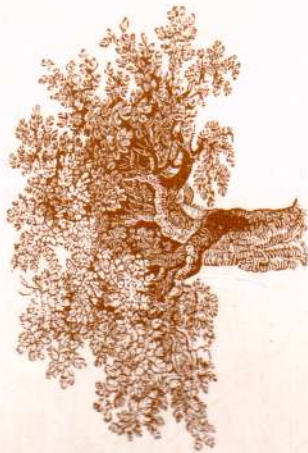


# JORGE BARBOSA

## POESIA INÉDITA E DISPERSA



PREFÁCIO, ORGANIZAÇÃO E NOTAS  
ELSA RODRIGUES DOS SANTOS



JORGE BARBOSA POESIA INÉDITA E DISPERSA

11



Apelo do  
INSTITUTO DA BIBLIOTECA  
NACIONAL E DO LIVRO  
Preço: 2.672\$00

## ÍNDICE GERAL

Nota Introdutória .....	7
Prefácio .....	11
Desejo Louco .....	25
Poetas Caboverdianos — As Ondas (A João Mariano) .....	26
Seara Nova — O Pássaro Fechado .....	27
A que ficou .....	29
Sem par .....	30
Já m'crebo .....	30
Amo-te .....	31
Aspiração .....	32
O Baile .....	34
África .....	37
Texto subscrito por Arnaldo França .....	38
Posse .....	39
Poema para Fernando Quejas .....	39
Serenata .....	41
Voz íntima .....	42
Boa Viagem .....	43
Redenção .....	47
Natividade .....	48
Poemas Autobiográficos .....	49
Carnaval do Rio de Janeiro .....	51
Onde .....	52
A Casa de Azulejos Castanhos .....	53
Tarde na Vila do Conde .....	54
Convite à Viagem .....	56
Ode ao Mestre Augusto Miranda no seu aniversário .....	58
5 Estrofes de amizade para o Poeta Manuel Lopes .....	62
Cristo-Rei — Ao Bento Levy .....	63
Questionário — Para Francisco Mascarenhas .....	65
Palavra Profundamente .....	66
Crianças — Para Arnaldo França .....	67
Pretinha dos Picos .....	70
Tambores de S. João .....	74
Meio Milénio — I Contagem .....	77
II Programa .....	78
III Balanço .....	83
IV Convite .....	84
V Presença .....	86
Roteiro da Rua Lisboa — Nocturno .....	88
Pescadores .....	90
Carta a Arnaldo França .....	92

Natal no Pardieiro .....	93
Folha Seca — Para Natércia Freire .....	95
Descoberta .....	96
Dispersão — A Eurico Miranda da Cruz .....	97
Peixes .....	99
Panorâmica .....	101
Reversibilidade .....	103
Bebedeira .....	104
Violão .....	105
Momento suburbano — Para Guilherme Chantre .....	107
Meninas Portuárias .....	108
Dilema .....	110
Memorial de S. Tomé .....	111

#### SUETOS POÉTICOS 1963

N.º .....	114 a 128
-----------	-----------

#### OUTRAS VERSÕES

Memorial de S. Tomé em cassette gravada pela voz do poeta e numerados por ele .....	129
Poema N.º 3 .....	131
Poema N.º 3 (cont.) .....	132
Poema N.º 4 .....	133
Poema N.º 5 .....	135
Mulher no escuro .....	136
Poema .....	139
Panfleário — Ao Poeta José Bizarro .....	140
Memória — Para Manuel Ferreira .....	143
Varredores — (Relato para o Senhor Presidente da Câmara Municipal da ilha de S. Vicente) .....	144
Ocorrência em Birmingham — Para Gerald Moser, com simpatia .....	148
Relato da Nau .....	149
Júbilo .....	152
Demografia — Ao Dr. Henrique Teixeira de Sousa .....	153
Revistas e jornais em que Jorge Barbosa publicou os seus inéditos .....	155

#### DESENHOS E REPRODUÇÕES

Folha de rosto dos n.ºs 6, 7, 8, 9 da revista «Claridade» .....	24
Desenho de José Régio no n.º 22 da «Presença» .....	28
Folha de Arte e Crítica — Coimbra — Set./Nov. de 1929 .....	57
Desenho de Torres Silva .....	61
Desenho de Torres Silva .....	147
Reprodução da folha de rosto do n.º 206 da «Seara Nova», revista de doutrina e crítica .....	156

# JORGE BARBOSA

(Poesia inédita e dispersa)



# JORGE BARBOSA

(Poesia inédita e dispersa)

Título — *Os Inéditos de Jorge Barbosa*

Organização, recolha, prefácio e notas — Elsa Rodrigues dos Santos

Desenhos — Torres Silva

Capa e arranjo gráfico — Judite Cília

Revisão de provas — João Pedrosa

Colecção — Para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa

Direcção — Manuel Ferreira

Acompanhamento final — Orlanda Amarílis

Editor — ALAC — África, Literatura, Arte e Cultura, Lda.

Av. Dom Pedro V, 11-2.º Dto.

2795 Linda-a-Velha

Portugal — Tel. 4192274

Execução gráfica — Tipografia Lousanense, Lda.

Rua da Imprensa — 3200 Lousã

Acabado de imprimir em Março de 1993

Tiragem — 1000 exemplares

Distribuição — Dígilvro

Rua Ilha do Pico, 3-B — Pontinha — 1675 Lisboa

Depósito legal n.º 56458/92

PREFÁCIO, ORGANIZAÇÃO E NOTAS

DE

ELSA RODRIGUES DOS SANTOS



Colecção PARA A HISTÓRIA DAS LITERATURAS AFRICANAS  
DE EXPRESSÃO PORTUGUESA

LISBOA • 1993



## NOTA INTRODUTÓRIA

A recolha destes poemas de Jorge Barbosa constituiu um trabalho que venho a perseguir, numa procura exaustiva, desde 84, por altura da preparação da minha tese de Mestrado em Literaturas Africanas que teve como tema «As máscaras poéticas de Jorge Barbosa e a mundividência cabo-verdiana». Esta tese foi publicada, em 89, pela Editorial Caminho e nela já fazia referência a muitos destes poemas e analisava-os dentro do âmbito das vias de que me propunha tratar. Daí que, no meu prefácio, algumas considerações estão próximas das que referi anteriormente no meu livro, remetendo o leitor para essa reflexão mais aprofundada que não é possível num prefácio de dez páginas.

A publicação desta poética inédita de Jorge Barbosa deve-se ao Professor Manuel Ferreira, desde sempre ligado a este projecto, pois, sendo então professor da Faculdade de Letras e dirigindo os Mestrados das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, foi meu orientador da tese. Por isso, é-me particularmente grato que tivesse sido ele o Editor, através das suas Edições ALAC, que tantas obras dentro desta área tem trazido à luz dos nossos dias, algumas esquecidas, outras esgotadas, mas todas de grande interesse para os estudos africanos.

Hoje desaparecido, mas em nós sempre presente, elevo um pensamento de muita gratidão, saudade e respeito por tudo aquilo que representou para os estudos africanos e seus investigadores e, particularmente, pelo entusiasmo com que se empenhou na

publicação desta obra no sentido do enriquecimento do património cabo-verdiano.

Projecto que foi concretizado por sua mulher, a escritora Orlanda Amarílis, a quem se reiteram os agradecimentos.

Igualmente se agradece a todos aqueles que me foram cedendo poemas guardados na gaveta durante longos anos, como os escritores Teixeira de Sousa e Manuel Lopes, este último seu compatriota da Claridade e ambos seus velhos amigos. Da mesma forma se agradece ao Dr. Bento Levy, director, durante quinze anos, do Boletim Cabo Verde, a Fernando Queijas, figura importante da música cabo-verdiana, e a José Bizarro, português, que esteve a cumprir o serviço militar na ilha do Sal e aí conheceu o poeta. O reconhecimento vai também para todos os amigos cabo-verdianos, incluindo Gabriel Mariano, um dos expoentes máximos desta literatura, envolvendo-os a todos num abraço pelos ensinamentos e pela amizade que me dispensaram desde que iniciei esta «aventura crioula», no dizer de Manuel Ferreira.

Guardo para o fim os nomes de Arnaldo França e de Jorge Eduardo Barbosa, por especial relevo. Arnaldo França, poeta, ensaísta, colaborador da 2.<sup>a</sup> fase da Claridade e amigo de Jorge Barbosa que, num gesto confiante e de grande apreço pela obra do poeta, me depositou nas mãos grande parte dos poemas e alguma correspondência e comentários que fazem parte das notas, com o desejo veemente de os ver publicados, completando, assim, a divulgação da sua obra completa para inteiro conhecimento em Cabo Verde, em Portugal, em África, nas Américas e em toda a parte onde os estudos africanos são uma realidade, da personalidade poética deste grande homem das letras cabo-verdianas.

De igual modo, quero realçar a espontânea adesão e incentivo a este projecto da viúva de Jorge Barbosa, Sra. D. Ida, que se tornou numa grande amiga, e de seus filhos, em particular Jorge Eduardo Barbosa, que me dispensou bastante material.

A organização desta obra, isto é, a sua ordenação, obedeceu a um critério cronológico e não temático. E se se desconhece a data exacta de alguns poemas, houve, porém, a preocupação de os localizar no tempo, quer por informação quer pelo facto de virem acompanhados de outros, da mesma índole e esses datados.

As notas foram cuidadosamente elaboradas a partir da investigação que foi feita.

«Memorial de São Tomé» é uma série de poemas que mais prolemas trouxe pelas suas várias versões e incompletude, que se tentaram, no entanto, ultrapassar, pelo registo das versões verificadas e pela explicação de como chegaram até nós.

Serviram de base os poemas que se encontravam na posse de Arnaldo França, pelo facto de constituírem uma sequência mais numerosa e encadeada.

Em relação à ilustração, que funciona mais como participação plástica, estamos gratos ao coronel Torres Silva, que, tendo permanecido em comissão de serviço em Cabo Verde, durante vários anos, com a família, foi amigo de Jorge Barbosa. Por esse motivo, foi com entusiasmo que aceitou o nosso convite para participar neste projecto, com os seus desenhos que captam a realidade cabo-verdiana num traço simples mas expressivo e original.

Igualmente se agradece ao Instituto Português do Livro e à Câmara Municipal de Oeiras pelos apoios concedidos, pois sem eles seria quase impossível a publicação desta obra.



## PREFÁCIO

Os cinquenta e três poemas inéditos de Jorge Barbosa, finalmente em livro, constituem notícia neste ano três dos anos noventa, não só pela sua importância numa literatura de língua portuguesa como ainda pelo inesperado, revelando facetas novas de conhecido poeta. Poesias que vão de 1928 a 1969 e que poderíamos agrupar em três períodos. O primeiro, pré-claridoso, de 1928-1935, o segundo, de 1935 a finais dos anos 50 — o período claridoso —, o último de 59-69, o período pós-claridoso ou da mudança.

No primeiro período, destacam-se duas fases nítidas:

A fase inicial, com os poemas «O desejo louco» (1928) e «Ondas» (1929) em *Jornal da Europa*, numa folha literária conjuntamente com João José Nunes, José Lopes, Pedro Cardoso, Fausto Graça e Eugénio Tavares. É uma fase romântica, dentro dos moldes clássicos, sendo o primeiro, um soneto bem rimado com uma adjectivação elegante e fértil, muito ao gosto dos poetas que o acompanham, sobretudo José Lopes e Pedro Cardoso. No entanto, a nota ousada de fino erotismo confere a este jovem, que despoitava para a poesia, uma certa modernidade.

O poema «Ondas», de cinco quadras, sendo a última desmenbrada num terceto e um verso, dir-se-ia com a intenção de dar uma forma nova ao soneto, alargando-o e desfigurando-o, traz o tema do mar, eterno na literatura destas ilhas, tratado à maneira simbolista e parnasiana. O mar é identificado com o coração do poeta, que mais não é do que a representação da alma do seu povo, com a



inquietação, a rebeldia e a brandura das ondas «a soluçar um cântico magoado e misterioso», «a cumprir uma sina, um mandamento». Há a preocupação de tratar a identidade cabo-verdiana nessa simbiose de contrastes que traduzem o ilhéu, onde o destino está presente, como um ritual que se repete dentro do ciclo da vida.

E, nesta via, prossigue, numa segunda fase, com os poemas «O pássaro fechado», «A que ficou sem par», «Aspiração» e «Baile».

Em «O pássaro fechado», publicado na *Seara Nova* em 1930, é determinada, a nível psicológico, a sua vivência íntima ou, mais concretamente, a vivência insular iconizada na figura do pássaro. A contradição de sentimentos e de sensações corresponde aos limites das ilhas, tendo o mar como fronteira ou prisão líquida mas, por outro lado, convidando ao sonho e à viagem, libertação do corpo e do espírito, revelando a consciência da insularidade, intelectualizada pela própria poesia.

«A que ficou sem par», poema que deve ter sido inspirado por um desenho de José Régio com o mesmo título, publicado na *Presença*, no n.º 22 do mesmo ano, simboliza a solidão do insular, o abandono a que era votado o arquipélago, mas, mais concretamente, o sorriso de renúncia da mulher, a grande heroína da saga do povo de Cabo Verde.

No poema «Aspiração», inédito, oferecido a Manuel Lopes, escrito na ilha do Sal, em 22-6-32, há uma recusa à posição acomodática. Aí, no subtítulo, Jorge Barbosa assume-se ironicamente como o poeta da inquietude que jamais será aquele que vogará em águas tépidas. Poema que poderia servir de abertura por ser um dos primeiros que se conhece de Jorge Barbosa, instituindo-se, por assim dizer, numa profissão de fé, traçando um propósito que nunca foi desvirtuado ao longo do percurso da sua obra poética, quer a publicada ou não, cuja reflexão lúcida e desassombrada revela uma posição nada cómoda em relação ao poder.

No mesmo ano, em «O Baile» (in revista *Descobrimento*), poema iniciático da sua viagem para a interioridade em busca das origens, revela-se um claridoso «avant la lettre». Nele há já um envolvimento nas raízes como propósito definido. Uma cena do quotidiano, onde

a negra que amamenta a criança «de ébano polida» é sublimada pela analogia com a Virgem-Mãe, olhando o Cristo Menino. Todos os outros elementos, a morna, os pares dançando, o quarto de terra batida, o cheiro forte a suor e a aguardente, emolduram o quadro da Maternidade, símbolo da terra cabo-verdiana, onde a Mãe preta reitera o princípio da gestação rática. No plano do real, esses elementos típicos e ambientais representam igualmente o submundo do porto de S. Vicente, de que nos fala Jorge Barbosa em «Meninas portuárias» e «Roteiro da Rua Lisboa» e que lembram outro mestre das letras cabo-verdianas, António Aurélio Gonçalves, cujo universo nos revelou tão magistralmente nas suas novelas.

Verificamos, pois, que mesmo neste período há já uma intenção clara de Jorge Barbosa de se encontrar com a sua cabo-verdianidade e de se movimentar dentro dum espaço vital, «a terra mater», inscrito numa insularidade, núcleo fundador duma estética poética. Deste modo, em carta escrita de S. Filipe, em 21 de Outubro de 1933, a Manuel Lopes, Jorge Barbosa afirma essa intenção ao referir-se a *Ambiente*:

«Livro pequeno de 14 poemas, em que reproduzi as composições que nasceram do meu contacto com a paisagem física, humana e até psicológica do nosso ambiente. Tem o livro a intenção que supponho avizinhar-se da do António Pedro quando escreveu *O Diário* e da de Ribeiro Couto nos seus poemas sobre motivos brasileiros.»

Igualmente em 33, já está escrito *Arquipélago*, conforme carta de Jorge Barbosa a Manuel Lopes, em 9 de Setembro:

«Coligi alguns poemas, com que espero lançar um volumezito. Jaime ter-te-á noticiado o acontecimento. Estou em tentativas de negociações com a Editora Atlântida de Coimbra.»

*Ambiente* virá só a ser publicado em 41, na Cidade da Praia, Minerva de Cabo Verde, 48 páginas, já não com 14 poemas mas acrescido de mais seis, variadíssimos, dos quais seriam publicados anteriormente em revistas da época, nomeadamente *Cabo Verde*.



Arquipélago, com oito poemas, publicado em S. Vicente, em Dezembro de 35, sob a égide das Edições Claridade, é o primeiro marco da viragem para uma literatura que rompe com os moldes europeus, especialmente portugueses.

No penúltimo poema desta obra, «O Mar», o poeta exclama: «Talvez um dia/inesperado remoinho de águas/passe/borbulhante/envolvente/alguma onda mais alta se levante», traduzindo, nessa aparente dúvida expressa pelo advérbio «talvez», uma advertência de mudança que é, no fundo, já uma certeza, constatando no poema final, «Destinos»: «Mas o naufrágio continua». A consciência, pois, do presente, apresentado nos seus pontos nevralgicos: as secas, o drama milenário da fome, o abandono a que era votado o arquipélago, a fuga para outros climas.

Deste modo, de 35 até finais dos anos 50, desenha-se o período claridoso, onde os valores foram ganhando uma nova perspectiva em consonância com a marcha da História e do pensamento universal.

Quando, três meses depois, surge a *Claridade*, revista, no entanto, já concluída, alguns meses antes, esperando publicação, com o propósito definido «de fincar os pés no húmus cabo-verdiano», Jorge Barbosa estava já, como vimos, absolutamente integrado dentro deste espírito. E será de justiça dizê-lo que não só ele como os outros mentores da revista. Mas, mais do que isso, Jorge Barbosa estava plenamente consciente do lugar que ocupava Cabo Verde no mundo, a sua componente africana muito forte que o leva a cantar «África», em 35, talvez contagiado pelos movimentos da africanidade e da negritude que, pela voz dos africanos, despontavam a partir dos anos 20. O continente africano surge com uma grande vitalidade, terminando o poeta num grito de esperança pela libertação:

«no teu ventre fecundante  
dormem as energias da tua raça  
até chegar a hora arfante  
a hora clarim da tua manhã triunfante.»

Arnaldo França, poeta e ensaísta, colaborador da segunda fase de *Claridade* a quem Jorge Barbosa confiara este e outros poemas inéditos, que agora se publicam, diz sobre «África» num artigo inti-

tuado: «Um poema secreto de Jorge Barbosa», em *Voz Di Povo*, de 31-10-75:

«Traduz o poema um ambiente de pujança telúrica de exotismo da natureza estuante que faz lembrar 'Toda a América' de Ronald de Carvalho que Jorge Barbosa talvez não conhecesse ainda. Este parentesco evidencia, contudo, a identidade de pensamento ideológico da geração intelectual de trinta que para a África só vislumbrava ainda uma revolução burguesa do tipo das independências americanas do séc. XIX.

Os grandes movimentos de libertação de massas só são sentidos em Cabo Verde anos depois.»

Dentro desta perspectiva da africanidade, ou melhor, dum universalismo africano, é de realçar o poema «Posse», publicado em 23/3/1940, em *O Diabo*, jornal que, com o advento do neo-realismo português, vem a tornar-se um dos porta-vozes dessa corrente literária.

Este poema é uma afirmação e confirmação da sua consciência do fenómeno do colonialismo. Poema que se encontra na linguagem da agressividade do discurso literário/político do neo-realismo. É oportuno realçar a sua colaboração com poemas e artigos em revistas e jornais cabo-verdianos e portugueses da época, como *Claridade* e *Cabo Verde* (onde se encontra a maior parte da sua produção) e *Descobrimento*, *Seara Nova*, *Presença*, *Cadernos de Poesia*, *O Diabo*, e *Ocidente*, onde se destacam nomes importantes da inteligência portuguesa, quer dentro das artes quer da política e da literatura. Revistas que fazem um percurso literário desde os modernistas e presenceístas, como Fernando Pessoa, Adolfo Casais Monteiro, Eduardo Bettencourt, Jorge de Sena, João Gaspar Simões, José Régio, que se batem por uma literatura viva contra o academismo e o jornalismo rotineiros e fundamentalmente por uma crítica livre e desassombrada, até aos neo-realistas, como Fernando Namora, Alves Redol, Manuel da Fonseca e Soeiro Pereira Gomes, que encontram expressão nos últimos números de *O Diabo*.

Este jornal propunha, através das palavras de Rodrigues Lapa, no n.º 2, o seu objectivo: «*O Diabo*, sem ser um jornal político, fez-se para contribuir, na esfera do pensamento, para essa obra de necessária renovação.»



Em Cabo Verde, ao fundar com Manuel Lopes, Baltazar Lopes (o poeta Oswaldo Alcântara) e João Lopes a revista *Claridade*, em 36, embora sendo ele e os seus companheiros assíduos leitores e admiradores da *Presença* pelo que ela tinha de renovação estética e pela seriedade da crítica, no entanto, é no movimento modernista brasileiro que vai beber o seu ideário e experiência. «Cabo-verdianizar a literatura» à semelhança do que preconizava, em 29, a Semana Cultural Brasileira («abrasileirar as letras do Brasil»), isto é, «beber das fontes e fincar os pés na terra», foi o propósito da *Claridade*.

Deste modo, em 36, a revista *Claridade* está muito mais próxima dos propósitos do neo-realismo do que da *Presença*, antecipando, de certo modo, em cerca de três anos, em Cabo Verde, o movimento neo-realista português. E a prova são os contos já aí publicados de Manuel Lopes, «Galo cantou na baía», de Baltazar Lopes, «Bíblia» e «Infância», que constituem capítulos do romance *Chiquinho*, os poemas de Oswaldo Alcântara e de Pedro Corsino de Azevedo e, muito particularmente, o poema «Irmão» de Jorge Barbosa, saído no n.º 1, mais tarde incluído em *Ambiente*, que revela a aventura da emigração do povo cabo-verdiano pelas Américas, fugindo ao destino da fome e das secas na sua terra.

E é nesta via que prossegue Jorge Barbosa, esgotando a temática da mundividência cabo-verdiana, em poemas dispersos aqui e ali que, mais tarde, foram incluídos nos seus livros *Ambiente* e *Caderno de um Ilhéu*, outros esperando melhores dias.

Poderemos, então, questionar a razão por que não foram incluídos esses poemas, que pela sua qualidade mereceriam um lugar de destaque em livros que, posteriormente, foram publicados, como o caso de «Crianças», «Boa viagem», «Posse», «Onde», «Convite à viagem», «Ode ao mestre Augusto Miranda», «Pretinha dos Picos» e os poemas que se inserem dentro da área da religiosidade, «Cristo Rei» e «Natividade», onde a visão social e política estão presentes.

Jorge Barbosa não lhes quis dar lugar de destaque em livro, pela mesma razão que ia guardando na gaveta ou confiando sigilosamente aos amigos e aos filhos alguns dos poemas que só agora vêm a público, dos quais destacamos «Memorial para S. Tomé», que reflecte a sua profunda consciência em relação ao problema da

degradante emigração para S. Tomé. Concluiremos, pois, que é nos poemas inéditos onde o poeta se move mais à vontade e o sentido de liberdade e crítico da vida se sente com mais veemência. Espaço em que o poeta se autodefine mas onde, por vezes, se desenha o conflito entre o «ser» e o «estar» por circunstancialismos exteriores ao seu «eu». Mas apenas aparentemente. Subtilmente, o poeta enuncia em «Poemas autobiográficos» (1953) e em «Panfletário» (1966) o desejado pelo não realizado, o dito pelo não dito. Traduz por um processo de dissimulação «aquilo que é» e, sobretudo, «aquilo que deveria ser» nas aspirações mais íntimas.

Em «Panfletário», repete esse processo dissimulador, colocando em termos políticos e sociais o desajuste entre o «ser» e o «estar», isto é, as várias razões castradoras da realização da «magnífica aventura» de ser panfletário.

É esta evolução para uma acentuada consciencialização política e social da função da literatura e da arte que irá nortear o terceiro período da sua obra poética — o *pós-claridoso* ou *da mudança*. Período que se caracteriza pelo discurso da agressividade, nunca perdendo, porém, o lirismo de carácter afectivo, característica preponderante do seu temperamento. Em fita gravada em 3 de Outubro de 1962, oferecida a um amigo, onde se incluíam várias poesias inéditas deste período, dizia Jorge Barbosa: «A agressividade é, no fundo, a minha imensa ternura pelo povo cabo-verdiano». Daí que o fragmento poético «Memorial de S. Tomé», que julgamos ter ficado incompleto, pois o poeta anunciava a Arnaldo França a elaboração de 18 estrofes, mas apenas conhecendo-se treze, reveste de particular importância pelo confronto à autoridade e suas estruturas.

Denuncia a emigração forçada dos cabo-verdianos para as plantações de S. Tomé, procurando o governo conciliar dois males: a falta de trabalho em Cabo Verde e a ausência de mão-de-obra em S. Tomé. Referia-se à Soemi (Sociedade de Emigração para S. Tomé), responsabilizando-a pelas condições desumanas de que eram vítimas os emigrantes transportados nos porões como carga animal, pagando, por vezes, antecipadamente com a vida, os magos tostões que lhe iam ser explorados nas roças.

As estiagens, a doença, a morte prematura, a prostituição, a não-salvaguarda dos direitos humanos que levam o homem a emigrar para a América, na melhor das hipóteses, ou a ser forçado às terri-



veis condições em terra são-iomense são os aspectos da realidade visíveis no texto. Em contrapartida, o abastardamento, o oportunismo de quem enriquece à custa do trabalho escravo, são o reverso da moeda que identifica o roceiro e seus capatazes. O poeta ergue-se como voz da consciência colectiva, revelando a um narratário futuro a verdade destes acontecimentos, «ecoando afinal/na consciência dos homens/responsáveis da nação».

«Romance amargurado  
hostil como um libelo  
acerado como um dardo  
alguém o escreverá.

Alguém o escreverá  
num dia que há-de vir  
p'ra contar a secreta história  
dos serviçais.

Romance das roças  
mensagem de algum dia  
vibrante e fraterno  
cântico de clarim  
alguém o escreverá.»

Jorge Barbosa torna-se de novo o Pitrinha a quem no poema «Clarim» (in *Caderno de um Ilhéu*) o poeta incitava «Pitrinha, toca/ outra vez o clarim».

A ironia passa também a fazer parte do seu discurso, funcionando como arma acusatória. Assim acontece em «Meio Milénio», longo poema escrito em 1960, inspirado nas celebrações em homenagem aos 500 anos da descoberta do arquipélago.

No primeiro poema, «Contagem», o poeta refere-se ao tempo que vai de 1460, «ano histórico / do Achamento / para a glória / d'El-Rei Afonso V / e provação de nós todos», ao ano de 1960, «sétimo/ na ordem/ do Plano do Fomento».

«Duas datas  
facilima contagem  
de 5  
séculos vazios.»

Esta ideia de provação repete-se noutros poemas, terrível cons-tatação do sofrimento do povo de Cabo Verde e do esvaziamento a todos os níveis ao longo dos séculos passados e dos sucessivos Planos de Fomento na era do colonialismo. Daí a «facilima conta-gem/ de 5/ séculos vazios» ironicamente pronunciada pelo tom jocoso do adjectivo superlativante, acrescido ao numeral em árabe em contraste com o nada ou o vazio.

No segundo poema, «Programa», referindo-se aos festejos que iam ter lugar, onde se cifram os números de 1500 contos «de generosa oferta/ do governo da Nação para as festas centenárias» acentua a mesma ideia de vazio nos «500/ anos vagarosos/ de melancólica expectativa», pondo em contraste a penúria em que se vivia. Os numerais em romano (5 e 500) servem a ironia pelo despojamento da palavra (veículo poético), mas ganhando força na contagem do tempo, protagonista da História.

Sucedem-se vários processos de ironia no decorrer destes poemas de «Meio milénio» em que a dissonância de discursos e os diversos tipos de elocução se conjugam com uma intenção que, embora sarcástica, tem o sentido construtivo dum universo mais justo (1).

E é no mesmo tom que Jorge Barbosa escreve em 66, no período de recrudescência da guerra colonial e da repressão em território português, quer no continente quer em África, o poema «Júbilo»:

«Nós não fomos presos!

Por isso dancemos

e cantemos

defronte das prisões.

/.../ Somos todos

sensatos

cordatos

amigos da ordem

por isso não fomos presos.

Pulemos e dancemos.»

(1) Ver desenvolvimento da análise deste poema in *As Máscaras Poéticas de Jorge Barbosa e a Mundividência Cabo-verdiana*, pp. 119-121.

A mesma ironia «per contrarium» realça num pequeno poema que tem a ver com o movimento da negritude, «Ocorrência em Birmingham», focando uma questão que, apesar de não ter tocado completamente a maioria dos intelectuais cabo-verdianos, pelas próprias circunstâncias cosmogónicas e pela notável miscigenação que se processou em Cabo Verde, o sensibilizou profundamente. Assim, traduz sarcasticamente a violência racista:

«John  
de Birmingham  
Alabama  
USA  
entrou na tabacaria.  
Foi insultado  
soqueado  
expulso.  
Na rua  
o polícia  
espancou  
derrubou  
cuspiu  
prendeu o desordeiro  
Negro safado!»

Vemos, deste modo, que é nos finais dos anos 60 que o tom sobre de indignação e tudo é dito, preparando o caminho da emancipação ou da revolução.

É neste conjunto que se inserem os poemas «Varredores», «Relato da nau», «Demografia», «Meninas portuárias», inéditos, apenadas conhecidos pelos filhos e seus maiores amigos, como Arnaldo França, seu fiel depositário.

Se o discurso da pós-modernidade se inscreve, como afirma Jean-François Lyotard<sup>(2)</sup>, sobre a própria modernidade, numa «rees-

<sup>(2)</sup> Jean-François Lyotard, *O Inumano — Considerações sobre o tempo*, Lisboa, Editorial Estampa, 1989, p. 37: «A pós-modernidade não é uma era nova. É a reescrita de alguns traços reivindicados pela modernidade e, antes de mais, da sua pretensão em fundar a sua legitimidade no projecto de emancipação de toda a humanidade com a ciência e com a técnica.»

crita perpétua, dentro do projecto da humanidade». Jorge Barbosa, entrando no «depois» e ultrapassando «o agora», profetiza-a, fazendo da língua aquilo que Vergílio Ferreira define como essência do escritor e de o ser em língua portuguesa: «A língua é o lugar onde se vê o mundo. Na minha língua vejo o mar.» Jorge Barbosa da sua vivência de homem ihéu crava os olhos no mais fundo desse tempo infinito insular e renasce crioulo, refazendo o milagre da Unidade, na fusão de dois mundos, distinguindo na sua poesia, com plena claridade, os limites da sua terra que o isolam, mas que conferem uma identidade rigorosa que se perpetua para lá do Horizonte.

ELSA RODRIGUES DOS SANTOS



POESIA INÉDITA  
DE  
JORGE BARBOSA

(DE 1928 A 1966)



**6** PROPRIEDADE DO GRUPO "CLARIDADE"  
 Director do UPE - Alvaro de Castro (com o trabalho UPE) - Administração em S. Vicente, C. Verde  
 Companhia Imprensa e Publicidade de S. Vicente, C. Verde  
 S. VICENTE - RUA DE SANTO ANTONIO  
 JULHO DE 1928

**POEMA DO RAPAZ TORPEDEADO**

Eu sou vivo, mas sinto a vida,  
 Eu sou torpedeado, com dor,  
 Há trinta dias que não sinto a vida,  
 e já não sinto mais a vida.  
 E o rapaz torpedeado contou a sua história.  
 «Uma vez um rapaz moço morreu  
 em um torpedeiro, e morreu  
 em um mundo que não se podia  
 sentir-se orgulhoso do seu poder,  
 e o rapaz morreu moço,  
 porque queria ver o mundo».  
 Tinkamos três vezes de alívio estético  
 Fomos adixar vivendo  
 da história do rapaz torpedeado.

O S V A L D O A L C A N T A R A

**CLARIDADE**  
 — revista de arte e letras (não periódica) —

**8** PROPRIEDADE DO GRUPO "CLARIDADE"  
 Director do UPE - Alvaro de Castro (com o trabalho UPE) - Administração em S. Vicente, C. Verde  
 Companhia Imprensa e Publicidade de S. Vicente, C. Verde  
 S. VICENTE - TRAVESSA BRITES D'ALMEIDA, N.º 13  
 MAIO DE 1928

**Saudade no Rio de Janeiro**

Caminho, asfalto sem fim,  
 minha terra longe,  
 donde a tua voz antiga  
 in memoriam de Nhá Isabel?  
 Brancalior era alva de Lua,  
 Passo - Amor era cavaleiro andante!  
 Caminho, asfalto,  
 pureza violada - abaixo das rodas assassinas.  
 Vieste escondida na minha mala  
 para Cristo te consagrar  
 na altura hierática do Corcovado

OSVALDO ALCANTARA

**CLARIDADE**

**7** PROPRIEDADE DO GRUPO "CLARIDADE"  
 Director do UPE - Alvaro de Castro (com o trabalho UPE) - Administração em S. Vicente, C. Verde  
 Companhia Imprensa e Publicidade de S. Vicente, C. Verde  
 S. VICENTE - RUA DE SANTO ANTONIO  
 DEZEMBRO DE 1928

**V O Z E S**

NA NOITE QUE FLUTUA,  
 SEM ESTRELA E SEM LUA,  
 COMO UM VIZO DO UZU,  
 COMO QUE A VOZ DOS MORTOS)  
 QUE VEM  
 NA NOITE QUE FLUTUA,  
 PERGUNTADO AO HOMEM SOLITARIO DOS PORTOS:  
 - QUE GRITO LONGO E PROFUNDO  
 - COMO A VOZ DE UMA MÃE QUE PROCUJA, PROCUJA -  
 O VAGABUNDO DOS PORTOS?  
 - E FALSO O NAVIO  
 - E NÃO ME QUIR LEVAR...  
 NA NOITE VASTA E LIQUIDA,  
 VOÇA O NAVIO, REMAO DOS HORIZONTES OCIOSOS.  
 SOBRE AS ONDAS FLUTUA,  
 E PERGUNTADO AO HOMEM DE ENTRE - MAR - E - CEU  
 QUE ADSEGURA LA, ESTREMOS, LONGES SOBRE O MAR,  
 QUE VOZ LONGA E PROFUNDA É ESTA,  
 COMO UM VENTO TANGENDO OS NERVOS DA FLORESTA?  
 ... NO PORTO PERGUNTADO DOS PORTOS A CHIMARÉ.  
 ... NÃO LEVCO A ACENAR...  
 M A N U E L L O P E S

**CLARIDADE**  
 — revista de arte e letras (não periódica) —

**9** PROPRIEDADE DO GRUPO "CLARIDADE"  
 Director do UPE - Alvaro de Castro (com o trabalho UPE) - Administração em S. Vicente, C. Verde  
 Companhia Imprensa e Publicidade de S. Vicente, C. Verde  
 S. VICENTE - TRAVESSA BRITES D'ALMEIDA, N.º 13  
 DEZEMBRO DE 1928



**CLARIDADE**

**DESEJO LOUCO**

Aperta-me em teus braços torneados,  
 Aperta-me ao teu seio palpitante!  
 Ai! deixa-me sonhar, a alma errante  
 Pelas regiões do Amor, sonhos dourados!

Vê como a noite é calma e enluarados  
 Os campos têm a cor esbranquiçante...  
 Aperta-me nos braços, minha amante,  
 Dá-me os teus lábios frescos e rosados...

Como dois pombos, nós assim unidos,  
 E lá no Céu, boiando, triste, a lua,  
 Terá a Vida encantos reunidos!...

E eu hei-de-te despir, p'ra ver-te nua,  
 À luz do luar, os seios languescidos...  
 — P'ra ver a tua carne como estual!...

Jorge Vera Cruz Barbosa  
 São Vicente — Cabo Verde

NOTA: Nesta folha literária Jorge Barbosa colaborava juntamente com João José Nunes, José Lopes, Pedro Cardoso, Eugénio Tavares e Fausto Graça.

Jorge Barbosa, «Desejo louco», in *Jornal da Europa* (Dir: Ayala Monteiro. Redactor: Julião Quintinha), Lisboa, 3.º Número Especial, 2.ª série, 22 de Abril, 1928, p. 14.

POETAS CABOVERDEANOS

AS ONDAS

A João Mariano

Um rugido constante e fragoroso  
Vem das praias e espalha-se no ar...  
São as ondas do mar a soluçar  
Um cântico magoado e misterioso...

São as ondas do mar... Vêm, uma a uma,  
A cumprir uma Sina, um Mandamento...  
E chegam, senhoris, vencendo o vento,  
E vão depois, desfeitas em espuma...

Algumas são titânicas, iradas:  
Rojam areias, pedras e galeras!  
E têm rugidos tétricos de feras  
Quando saem das tocas, esfaimadas!

Outras têm o vagar espreguiçante  
Dos ribeiros: vêm lentas, vêm rolando  
Por sobre a plaga num afago brando  
Que parece a carícia de um amante...

Têem as ondas perpétua inquietação,  
Quer estejam em forte rebeldia,  
Quer pareçam estar em calma...  
São, afinal, tal qual meu coração...

Cabo Verde. África.

Jorge Barbosa, «As ondas», in *Jornal da Europa*, n.º 9, 2.ª série, Lisboa, 31-1-1929, p. 15.

SEARA NOVA

O PÁSSARO FECHADO

de Jorge Barbosa

Eu trago dentro de mim um pássaro fechado...  
Bate asas, — quer voar! —, em ânsias desmedidas...  
Bem o sinto no peito, ardente, alucinado,  
Num gigantesco arfar de ondas enfurecidas.

Bem sinto no meu peito a sua vida inquieta;  
Do seu desejo de ir o anseio insatisfeito...  
Eu sinto o drama seu de ter uma grilheta  
Que o não deixa sair do fundo do meu peito!

.....

Decorre o meu viver num desassocegado  
Percurso, num febril, num doido tumultuar,  
— Porque trago no peito um pássaro fechado,  
Que não posso matar, que não posso soltar!...

Brava, Cabo Verde

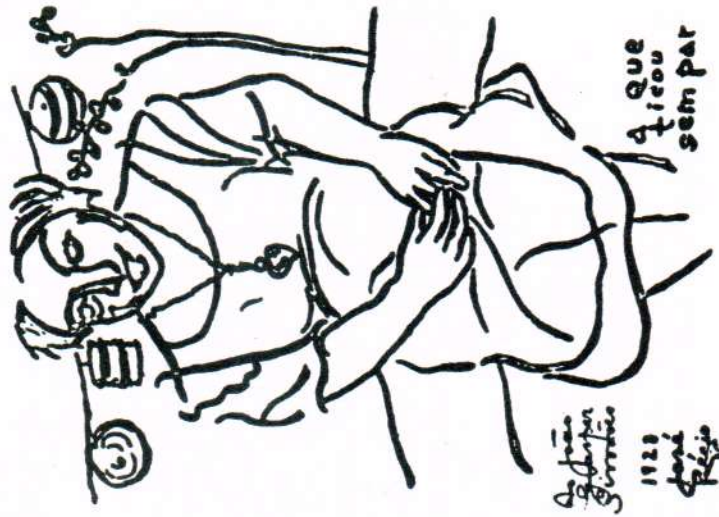
Seara Nova, n.º 206, Lisboa, Março, 1930 (inédito em livro), p. 214. Jorge Barbosa, «O pássaro fechado».



# fôlha de arte e crítica

coimbra • setembro, novembro • 1929

## 22



Desenho de José Régio que deve ter inspirado o poeta no poema do mesmo nome «A que ficou sem par», in *Presença*, n.º 22, Coimbra, Set., Nov., 1929.

## A QUE FICOU

As outras andam bailando...  
E ela, sozinha, chorando  
Para dentro de si mesma  
A tristeza de se ver  
Abandonada, esquecida...  
E a certeza de não ter  
Alguém...

Ninguém  
Repara a mágoa sentida  
Que lhe pesa no silêncio,  
Nem a lágrima vertida...

Jorge Barbosa

## SEM PAR

Porque fica sorrindo  
Um sorriso disfarçado,  
Mas de um ar  
Tão simples e natural,  
— Que ninguém vê, afinal,  
O Sorriso da Renúncia,  
Que se não quer confessar...

*Presença*, n.º 35, Coimbra, Março-Maio, 1932. Jorge Barbosa, «A que ficou sem par» (poema inédito em livro).

## JÁ M'CRÊ-BO!

## AMO-TE!

Já m'crê-bo ma m'ca ta flá-bo,  
M'ta gardá dento de mim,  
M'ta 'ngachà ês nha segredo  
Co medo bu ca flá-m' sim.

Ma m'crê olhá-bo calado,  
Guardá-bo na pensamento,  
De que contá-bo ês nha amor,  
Pa depôs bu dá-m' tromento.

«Náo» é ca sabe de obi,  
É pior que maior dôr;  
Por isso bu ca'l conché,  
Bu ca'l conché ês nha amor.

Triste, dixá-m' ficá triste,  
Sim certeza amá sim gôsto,  
Antes triste de incerteza  
Do que triste de desgosto.

Amo-te mas não te digo,  
Guardo dentro de mim,  
Escondo este segredo  
Com medo que não me digas sim.

Prefiro olhar-te em silêncio,  
Guardar-te no pensamento,  
Do que confessar-te o meu amor,  
Para não me dares tormento.

«Não» não é bom de ouvir,  
É pior que a maior dor;  
Por isso não conheces,  
Não conheces o meu amor.

Triste, deixa-me ficar triste,  
Sem certeza e sem gosto,  
Antes triste de incerteza  
Do que triste de desgosto.

(Tradução de Manuel Lopes)

Jorge Barbosa. «Já M'Crê-bo!», in Pedro Cardoso, *Folclore Cabo-Verdiano*, Porto, Edição Maranus, 1933, p. 117. Esta morna foi atribuída por lapso a Eugénio Tavares por Pedro Cardoso in *Folclore Cabo-Verdiano*. A correcção é feita por Manuel Lopes, por informação directa de Jorge Barbosa. Aliás, no programa duma «Sessão cabo-verdiana», realizada em Lisboa, no Teatro Trindade, em 28 de Dezembro de 1944, está anunciada esta morna como sendo da autoria de Jorge Barbosa. É dos raros poemas em crioulo que dele se conhecem.

## ASPIRAÇÃO

Viver  
na paz tranquila de um sossego  
e não ter  
ansiedades de ser;  
ter o peito aliviado  
numa constante eupneia;  
e o cérebro liberto  
do pensamento complicado;  
viver  
a vida parada dos egoístas sem remorsos...

E a alma  
como um lago em calma eternamente.

Ser afinal  
o que não serei nunca:  
humana criatura  
que não faça  
nem bem, nem mal...

Ao Manuel Lopes,  
Com um abraço:  
Jorge Barbosa  
Sal, 22-6-32

Jorge Barbosa, «Aspiração», a Manuel Lopes, Sal, 22-6-32 (poema inédito).



X

## JORGE BARBOSA

### O BAILE

No baile  
A morna  
Entorna  
Dolências...

O rabequeiro  
Compassa  
A música,  
Batendo a planta descalça  
No chão.  
E os pares  
Giram  
Apertados  
Uns contra os outros,  
Levados  
Na morna...

O rectângulo do quarto  
É terra  
Batida  
E dura,  
Como não vem  
Nos manuais da Arquitectura...

A um canto,  
A preta sadia  
Amamenta  
Uma criança luzidia,  
Toda nua e sorridente.  
E olhando-a aumenta  
O seu sorriso contente,

Num ar  
Feliz,  
Que faz lembrar  
Virgem Maria  
Quando  
Ficava  
Olhando  
Cristo-Menino...

Que o filho que traz ao peito  
É para ela  
Um pequenino  
Jesus,  
Todo esculpido  
Em ébano  
Polido...

No ambiente  
O cheiro  
Forte

A suor,  
Mais o aroma  
Da aguardente...

No baile  
A morna  
Entorna  
Dolências...

X  
(1935)  
ÁFRICA

África!  
no teu corpo não sararam ainda as feridas  
das renhidas  
pelejas de assaltos rapaces  
que se fizeram  
para a glória das Conquistas  
e para o prestígio dos Impérios!

Pairam ameaças  
ainda  
dos dominadores  
senhores  
do teu destino!

África!  
na tua fauna há todas as maravilhas da criação  
no teu seio há todos os concertos todas as melodias todos os ruídos  
ribombos de bumbos distantes ecos de cataratas e das patas das  
manadas em tropel

uivos enraivecidos  
de feras lutando  
sussuros esmaecidos  
na volúpia dos sexos proliferando  
vagidos  
na agonia das presas assaltadas  
cantos alegres de aves  
anofélis zumbindo  
hienas nocturnas carpindo  
como os meninos quando choram pelas mães!

Todas as surpresas, todas as ciladas...

Jibóias hercúleas e vorazes  
que engolem os bois incautos  
exército de formigas audazes  
que assaltam as jibóias imobilizadas  
nas longas digestões  
cobras embuscadas  
aguardando o momento propício da mordedura  
jacarés escondidos no lodo dos rios  
para o ataque imprevisto!

África!  
do sol forte que dá vida à terra  
e deixa um traço  
de cansaço  
nas fisionomias amarelas dos biliosos!

África!  
dos boers expulsos por causa do solo fecundo  
por causa das minas de Orange e Transval!

África!  
das cerradas matas misteriosas  
virgens  
da profanação do homem ainda  
das cubatas  
dos sertões  
e das cidades tumultuosas que os brancos trouxeram  
das frutas saborosas  
dos produtos ricos que vão nos vapores  
a caminho da Europa insaciável!

África!  
onde todas as raças têm aventureiros  
aonde todas as raças mandaram emissários!



Os teus artistas de infantis ingenuidades  
talham em pedaços de madeira  
animais estranhos  
divindades  
e torcem manilhas de ouro  
para apetecido tesouro  
das virgens nuas dos sertões...

Escuto ao longe  
os rumores  
África  
dos teus tambores  
em cuja cadência guerreira e bárbara  
a alma da raça sobe ao peito  
de pretos ágeis e tatuados  
dançando e lutando!

A tua natureza exuberante  
possui o sentido oculto que convida  
a gente das tuas selvas  
para o festim incessante  
da camaradagem da vida  
vívida com alegria ao ar livre  
e para os desejos naturais que o sexo tem.

África!  
à beira dos teus rios  
à sombra das tuas florestas impenetráveis  
ao calor do teu sol  
no teu ventre fecundante  
dormem as energias da tua raça  
— até chegar a hora arfante  
a hora clarim da tua manhã triunfante!

«África», /1935/

Este poema, «Monografia», de Jorge Barbosa, chegou-me às mãos, aí por 1945/46, fazendo parte do conjunto da colaboração destinada ao número 4 da *Claridade* que esteve para ser publicado em Lisboa. Não sei se foi posteriormente retirado ou se a tesoura da censura funcionou.

O poema foi escrito em fins de 1935, pouco antes da publicação de *Arquipélago*, só lhe conhecendo uma referência na carta que o autor, de S. Filipe, Fogo, escreveu a Jaime de Figueiredo em 15 de Novembro desse ano:

«Envio-te os poemas já escritos para (África). Estão ainda sujeitos a concerto pois há muito poucos dias saíram e não tive por isso tempo de adquirir temperatura autocrítica. *Monografia* (esteve para ser *Geografia*, *Corografia*, *Atlas*...) veio longa, muito pormenorizada. Tem que ser reduzida. Os poemas todos necessitam de certo *arranjo* literário pois em muitos pontos noto-lhes aspereza de estilo. Mostra-os, antes lê-os, à gente da *Claridade*. Gostaria que pronunciasses, que disesses a tua sentença. Para eu ver se vale a pena prosseguir com (África) ou não.»

Os restantes poemas a que a carta se refere ou se conservaram inéditos, hipótese mais provável, ou se encontram dispersos na obra publicada do autor.

O poema reflecte um ambiente epocal vivido. Internacionalmente, as ameaças de nova partilha do continente africano pelo imperialismo alemão e a agressão italiana à Etiópia. No plano português, a sintonização, já nos finais da década de vinte, com os movimentos reivindicativos da intelectualidade negra na Europa, por via do grupo da Mocidade Africana e do jornal *Humanidade*. E internamente, a uma dezena e meia de anos do movimento sedicioso de 1918, na Praia, a cobertura jurídica que o segregacionismo ganhava na esteira do Pacto Colonial de 1930.

Traduz o poema um ambiente de pujança telúrica, de exotismo da natureza estuante que faz lembrar o «Toda a América», de Ronaldo de Carvalho, que Jorge Barbosa talvez não conhecesse ainda. Este parentesco evidencia, contudo, a identidade do pensamento ideológico da geração intelectual de trinta, que, para a África, só vislumbrava ainda uma revolução burguesa do tipo das independências americanas do séc. XIX. Os grandes movimentos africanos de libertação de massas só são sentidos em Cabo Verde anos depois.

A. F.

(Arnaldo França)

(1940) X  
POSSE

Nos compêndios escolares não se falava da pequena ilha solitária e perdida nos mares do Sul. Não passavam por lá os barcos dos brancos e o povo seguia a sua própria lei que no entanto não estava escrita em livro algum. Homens e mulheres viviam nus e amavam-se sem complicações e comiam peixes que pescavam em canoas feitas com troncos de árvores e carne de animais caçados com setas certeiras.

Atletas e guerreiros dançavam ao som de búzios e tambores e as bailadeiras ondeavam contorcidos ritmos lentos na toada triste de instrumentos de uma só corda. E tinham seus deuses, seus santos, seus sacerdotes, seus feiticeiros, e moravam em cubatas cobertas com palmas das palmeiras.

Mas do outro lado da terra um dia

senhores de cara grave assentaram-se à volta de uma mesa com falando de guerras, mapas em frente, de bases para aviões, de pontos estratégicos...

Então veio à baila a ilha solitária perdida nos mares do Sul...

Semanas depois um barco de ferro chegou e fundeou nas águas tranquilas da baía...

E um escaler veio para terra com homens loiros vestidos de branco, trazendo, entre outras coisas,

uma bandeira para a primeira afirmação imperial, um chicote para o primeiro castigo, um barril de pólvora para o primeiro massacre e um outro de álcool para o primeiro comércio!

Praia, Cabo Verde — *Jorge Barbosa*

In *O Diabo*, Lisboa, 23-3-1940, p. 3. J. Barbosa, «Posse» (poema inédito em livro).

POEMA PARA FERNANDO QUEJAS

Ora qui bu bai,  
Fernando Quejas,  
cantá-no la di longe nós terra!

Nós terra, Fernando Quejas,  
nós mar de speranza,  
nós sol de quemá,  
nós strela  
ta cendé  
ta pagá,  
simá odjo de namorado  
na sala di badjo,  
nós terra, Fernando Quejas,  
alegria, tormento, miséria,  
nós morna, Fernando Quejas,  
tud'isso,  
tud'isso qué di nós,  
cantá-no el la di longe!  
— Más longe na cantiga  
é más perto na coração...

Praia, 28/10/1947



## SERENATA

Sozinha no silêncio da noite,  
folheando, folheando,  
o figurino colorido...

A página favorita  
era a daquela  
mulher vestida  
para ir ao baile.  
De negro com um  
diadema nos cabelos loiros...  
Colar brilhando  
sobre o decote...  
Braços nus caídos  
e na mão um grande leque  
de plumas brancas...

Sorriso feliz  
nos lábios finos  
daquela mulher...

Princesa talvez  
ou talvez Duquesa  
por causa do diadema  
nos cabelos loiros...  
Princesa talvez...  
mas ao longe  
um som de violão  
interrompendo  
o sossego nocturno...

Um som de violão  
chegando mais perto,  
parando por fim  
sob a janela  
da casa defronte...

Era para a outra  
essa voz de rapaz  
enchendo o silêncio  
e a noite parada  
de lentas ternuras  
e promessas de amor...

A voz depois  
e a música do violão  
seguindo pela rua  
até se perderem  
na calma nocturna...

Folheando, folheando,  
o figurino colorido...

Princesa talvez  
ou talvez Duquesa...

Por lapso, foi inserido nesta página parte de um poema que não é da autoria de Jorge Barbosa, pelo que pedimos desculpas ao autor do poema e também aos nossos leitores.

40

Jorge Barbosa, «Serenata», in *Claridade*, n.º 7, S. Vicente, Dezembro, 1949, pp. 41-42.

## VOZ ÍNTIMA

Sou o teu inimigo  
não quero a tua felicidade.

Sou eu que faço com que dês da tua pobre bolsa  
o pouco que tens.

Sou eu que não deixo as tuas audácias  
passarem além da tua imaginação.

Sou eu que levo o eco dos sofrimentos  
a das desgraças do mundo  
para dentro do teu coração.

E te não deixo odiar  
aqueles que te malquistam  
e te não deixo empurrar  
os que cercam o teu caminho.

Sou eu que ponho na tua boca  
palavras de condescendência,  
palavras de amizade  
para todos.

Sou eu que te não deixo sorrir  
o sorriso da ironia  
para o ridículo dos pobres de espírito  
e para o fracasso dos que não venceram.

Por isso  
poucos te compreendem,  
poucos te estimam,  
poucos te agradecem.

Sou o teu inimigo,  
fiz de ti um poeta.

Jorge Barbosa, «Voz íntima», in *Claridade*, n.º 7, S. Vicente, Dezembro, 1949,  
p. 40.

## BOA VIAGEM

Para Gabriel Mariano

Vai amigo!  
Pressinto  
já longe  
a tua figura  
tímida cruzando  
meridianos invisíveis  
na distância do tempo.

Vai amigo!  
na supersónica  
vertigem do voo  
por entre  
nuvens e céus  
na disparada louca  
dos pneus  
macios a rolarem  
em estradas de asfalto.

Vejo-te  
amigo  
assim  
neste teu jeito  
quase triste  
passeando no deck  
os passos  
lentos  
medidos  
a cabeleira  
límpida  
desfeita  
pelo sopro salgado da brisa.



Vai amigo!  
vejo-te passar  
por exóticos  
portos  
de ilhas distantes.  
Alguma mulher  
talvez  
num cais acenando...

Vai amigo!  
vai  
agora que és jovem.

E conta  
as paisagens  
as maravilhas  
os amores...  
Manda fotografias de  
de Paris  
do Congo  
de Nanquim  
da estátua da Liberdade  
das Pirâmides  
do Danúbio  
da Grande Muralha.

Se passares a Cortina  
Cuidado amigo!  
Cuidado amigo!  
Manda fotografias do Kremlin.

Manda uma também  
do Imperador do Japão  
vestido à americana.

O mundo é grande!

O paquete  
marchando solene  
deixando  
longo  
traço fosforescente  
a cintilar  
nos rumos do mar.

Subirás  
brancas montanhas  
de gelo e de neve.  
Do alto verás  
panoramas e cores  
como não há  
nas nossas ilhas.

Vai amigo!  
Vejo-te assim  
sonolento e fatigado  
cavalgando  
o dorso de um camelo  
em vagarosa  
marcha por desertos  
intérminos ao sol.

O vento depois apagará  
a passagem da caravana  
marcada nas areias.

Este teu ar triunfal!  
o capacete o calção  
a espingarda  
de caçador  
o pé direito  
firmado sobre a juba  
de um leão abatido!

Vai

agora que é cedo  
agora que és jovem  
agora que és poeta  
e tens fé  
nas tuas ilusões.

Amigo!

o mundo é grande!  
A nossa terra é que é  
pequena e melancólica  
perdida no mar

.....

(Agora

aqui me confesso  
no fim deste poema  
o jovem amigo  
o poeta  
a quem me refiro  
não há...  
O que há é um lírico  
sexagenário  
aqui distarçado...)

.....

Boa Viagem!  
Boa Viagem!

«Boa Viagem» (inédito em livro). In revista *Atlântico*, Lisboa, 3.<sup>a</sup> série, n.º 1, 1949  
(sem dedicatória), p. 14.  
«Boa Viagem» para Gabriel Mariano. In rev. *África*, n.º 2, Out. Dez. 1978,  
pp. 149-152. Desenho de José Bizarro.

## REDEÇÃO

Eram duas lágrimas que havia  
nos olhos do homem orgulhoso.

Nunca ninguém as viu,  
nunca foram choradas.

No entanto lá estavam,  
insensíveis, frias, invisíveis.

Desprenderam-se um dia finalmente,  
rolaram em silêncio pelas rugas da face.

E caíram sobre o primeiro gesto de humildade  
que teve o homem orgulhoso.

Jorge Barbosa, «Redenção», in *Cabo Verde*, n.º 44, Maio, 1953, p. 17 (inédito  
em livro).



## NATIVIDADE

História tão simples  
que em simples palavras se conta  
é esta do nascimento  
do Nosso Senhor Jesus Cristo.

Foi algures numa noute  
em Belém da Judeia  
que se deu esse exemplo  
de comovedora humildade.

O filho de Deus poderoso  
nascendo tão pobremente  
naquele desconforto  
de um estábulo qualquer.

E assim Maria tornou-se  
mãe de Jesus e nossa mãe  
enquanto o gado remoia.  
o feno da ração.

Depois os anjos anunciaram  
aos pastores dos sítios  
que ficavam em redor  
que Messias nascera.

E vieram todos conhecer  
o menino que iniciava  
o prometido reinado  
das antigas profecias.

Então o adoraram.  
E a mãe pálida sorria  
para a criança deitada  
por sobre a palha ao seu lado.

Cavalgando camelos  
alta noute chegaram  
três reis magos do Oriente  
só para verem Jesus.

Vinham de longe e a estrela  
que os guiava ficou suspensa  
mesmo em cima do estábulo  
brilhando mais do que as outras.

Ouro incenso e mirra  
três presentes simbólicos  
os três magos trouxeram  
em três cofres pequenos.

Três presentes simbólicos:  
o ouro destinado ao rei  
o incenso para Deus  
e a mirra para o homem!

E eis aqui finalmente  
a história da Natividade  
a mais simples e a mais terna  
de entre as outras que há.

Tão curta ela se conta  
em bem poucas palavras  
e a sua ingénua poesia  
até nos causa impressão.

S. Vicente, Natal de 1952.

## «POEMAS AUTOBIOGRÁFICOS»

Não levo sinal no rosto  
nem tenho nada especial  
que me distinga entre os homens.  
Se dizem uns que sou poeta

isto não é distinção,  
pois o sou não como os poucos  
poetas que o são na verdade,  
mas como esses que aos milhares  
seguem apenas cantando  
uma ilusão da Poesia.

Sou Jorge, não destemido,  
mui diferente do Santo  
Cavaleiro de meu nome.

Tenho medo das trovoadas  
e do sangue derramado.

Se fantasmas nunca vi,  
não quero vê-los também.

Não gosto de me deitar  
num quarto à noute às escuras.

Mesmo assim que me dessem  
o cavalo de São Jorge,  
e sua espada, e veriam!

Sabê-la-ia empunhar  
na mão direita bem firme!

Com ela comandaria  
inumeráveis legiões

de pobres e de espoliados  
para irmos combater  
os tiranos que há ainda.  
Nos rumos da minha vida  
sempre existiu uma espada  
de inesperadas audácias  
mas todas imaginárias.

Espada de pau da infância,  
de D. Quixote mais tarde.

Eu na verdade vos digo:

Não passo de um D. Quixote  
disfarçado por aí,  
sem a coragem de o ser.

Não sou o Jorge infalível  
que aparece nas famílias  
da nobreza lusitana.

Nunca tive, que o soubesse,  
parentes em tempos idos  
com fama e feitos históricos,  
seus retratos alinhados

ao longo das galerias  
nos palácios senhoriais.  
Nem tive navegadores.



nem celebrados guerreiros,  
nem titulares, nem bispos,  
nem favoritas de reis,  
nem amantes de rainhas,  
nem grandes damas, nem um  
menestrel ao menos tive  
entre os meus antepassados,  
o que tem sido, confesso-o,  
importante contratempo  
no curso da minha vida.

Antes a minha poesia  
inculta mas impetuosa,  
dos tempos em que era moço,  
tinha a pureza inicial,  
certo sabor agridoce  
dos frutos verdes ainda.  
Mesmo com imperfeições  
e retórica flamejante,  
com seu ingénio lirismo,  
com seus arrebatamentos  
de romantismo e ternura,  
suas sílabas ainda  
sem ginástica nenhuma,

todas medidas nos dedos,  
mesmo assim era poesia  
que eu na verdade sentia  
e não contava a ninguém.  
Metia as tranças, o olhar,  
metia os pés, a candura,  
o sorriso da menina.  
Mas não era só o amor,  
metia o heroísmo também  
das aventuras que eu lia  
e de mim quase fizeram  
um moço herói ignorado.  
Moço herói, cedo porém  
perdi o impulso e fiquei  
comodamente instalado  
na calma paz burocrática  
onde o heroísmo é só  
a muita resignação.  
As experiências depois  
insinuaram uma técnica  
de palavras ajustadas  
à voz da minha poesia.  
Não houve mais inocência,  
nem nunca mais eu senti  
esse agridoce sabor  
dos meus versos de rapaz,  
um sabor quase gostoso  
como esse dos frutos quando  
ainda são imaturos.

Jorge Barbosa, «*Poemas autobiográficos*», in *Cabo Verde*, n.º 50, Novembro, 1953, pp. 16-17. (São inéditos em livro os poemas n.ºs 2, 4, 5. O poema n.º 6 foi publicado em *Caderno de um Ilhéu*, com o título «Poesia esquecida»).

Verbaços

## CARNAVAL DO RIO DE JANEIRO

JAIME:

Segunda-feira de Carnaval. Noute. Suspendo uma pacata paciência que fazia, para esquecer, a neurastenia e a falta de livros. E escrevo este poema, que me lembrei de te enviar. É que a tua pessoa está neste momento mais viva na minha imaginação (veio de ter estado, com o Fausto, chegado hoje, a falar de ti).

Vou continuar, não sei se a paciência, se a poesia ou se a neurastenia.

A dama de copas à minha frente chama por mim. É uma triste rainha com uma rosa na mão direita.

Abraço do  
Jorge

Furna, 20, noute.  
Fev.º de 1950.

Carnaval do Rio de Janeiro  
Eu te vejo eu te sinto

Rei Momo que eu vejo!  
Grande taça do Rei Momo  
nas suas mãos sustida  
Grande coroa  
de barulhentas glórias  
na sua real cabeça  
— que eu vejo!

Depois, na rádio  
Sambas marchinhas  
Linda Dircinha Emilinha  
— que eu ouço!

Galhardo black out  
Oscarito!

Praça Onze  
Largo do Carioca  
Subúrbios cuicas violões  
Fenianos Tenentes  
Flamengo cordões!

Multidão vibrando  
mascarada passando  
sambando

— que eu vejo  
que eu sinto  
daqui de bem longe!

Carnaval do Rio  
a tantas mil milhas  
distante daqui!

E o verso de Manuel Bandeira  
ecoando cá dentro  
deste folião que eu já fui:  
— Evoé Momo!

Jorge Barbosa, «Um inédito de Jorge Barbosa». *Bol. Cabo Verde*, n.º 58, ano V, Julho, 1954, p. 17.



## ONDE

Onde

a vida se vive melhor  
o sofrimento se sente menos  
não há mais senhores.

Onde

o pão e o vinho é para todos  
o calor no Inverno é para todos  
a casa é para todos  
o trabalho é para todos  
e não há humilhados  
e não há perseguidos.

Onde

não há vossas excelências  
não há hierarquias  
não há explorações  
e por isso não há greves também.

Onde

quem sobe tem mais saber  
quem avança tem mais acção  
quem manda tem mais prestígio.

Onde

não é preciso que a Lei  
ponha uma venda nos olhos.

Onde?

Abril de 1952

*comica  
pauze*

Cabo Verde, n.º 62, Nov. 1954 (inédito em livro). Jorge Barbosa, «Onde».

## A CASA DE AZULEJOS CASTANHOS

Sucedede que ao cimo  
da íngreme estrada  
há uma casa antiga  
de azulejos castanhos,  
sucedede que há Luís  
e Maria Helena Trigueiros,  
sua companheira pronta  
dos bons e maus dias,  
camarada gentil  
dos amigos de Luís.

Sucedede que há lá  
uma varanda lançada  
sobre as lonjuras  
das terras do Minho,  
uma varanda onde  
tudo se esquece:  
fadigas e males,  
horários e urgências,  
ressentimentos e ardores  
das lutas da vida.

Sucedede que lá  
naquela varanda  
as almas atribuladas  
e os olhos cansados  
de tanto encarar  
as gentes e a rua  
reconciliam-se com a paz  
que Deus dá aos homens  
e os homens não querem.

Na antiga casa  
sucedede que há  
a suculência também  
da mesa minhota  
e o vinho sem marca,  
bom e verdadeiro,  
ainda trazendo  
a frescura da adega  
e o aroma secreto  
dessa alquimia  
que vem bem do seio  
das terras nortenhas.

É na época das férias,  
aí por Setembro.  
A casa antiga  
de azulejos castanhos  
fica no cimo  
da íngreme estrada  
em Bom Jesus de Braga.  
Há Luís e Helena  
sua companheira pronta  
dos bons e maus dias.  
Batam e verão.  
Pode ser que seja  
o sorriso de um deles  
a vir abrir a porta,  
um sorriso tão bom,  
tão leal e acolhedor,  
que não é preciso  
qualquer convite para entrar.

Cabo Verde, n.º 64, Janeiro, 1955 (inédito em livro). Jorge Barbosa, «A Casa  
de azulejos castanhos».

## TARDE NA VILA DO CONDE

Eram uma tarde antiga  
e um pôr-de-sol verdadeiro  
ali na Vila do Conde.

Eram três poetas andando  
pela beira do mar buscando  
não conchas e corais  
nem restos de naufrágios,  
talvez buscando o repouso  
para as fadigas e as lides  
constantes da Poesia.

Poesia quase que não  
havia naquela tarde  
calma da Vila do Conde  
porque Poesia são dores  
inquieta e remorsos  
e ali o que havia  
eram por momento  
esquecimento e abandono.

Não havia problemas  
não havia política  
não havia questões  
cansadas e transcendentes  
e esquecidas eram  
as feridas profundas  
dos golpes de lança  
que a Poesia crava  
nos peitos dos poetas.

Havia somente a paz  
o silêncio e a distância  
ligando o mar e o céu.

Eram três poetas andando  
pela beira mar buscando  
o refúgio por instante:

José Régio, o mais  
dramático de todos,  
Fausto José, do Douro  
por nascimento e Poesia,  
Amândio César, o mais  
impetuoso de todos,  
mas ali ao crepúsculo  
como os outros também  
esquecido e calmo.

Eram três poetas verdadeiros  
e um outro,  
menor e ilheu  
que o não era  
mas fingindo sê-lo.

Três poetas,  
três nomes invocando  
grandezas, guerras e domínios!  
Régio — esplendores e mando,  
batalhas e conquistas!  
Fausto — ostentações e riquezas!  
César — punhais e tirania!  
Até este nome Jorge lembrando  
a bravura e a lança  
do Santo Cavaleiro  
destemido que não fui!

Três nomes,  
trazendo outros à memória  
por coincidência e ironia!

Mas outro o destino,  
mais difícil de cumprir,  
outra a consciência,

sem tentações e vertigens  
de pompas e dominações,  
consciência sim

da sua humildade!

Outras as mãos,

jamais manchadas

de amarelo cor de ouro

ou de vermelho cor de sangue.

Antes tingidas

de azul em que mergulham,

um azul cristalino e transparente,

cor do espaço e da Poesia,

em que ninguém repara

e que ninguém vê

— só nós!

Eram

numa tarde antiga da Vila do Conde,

um por-de-sol prodigioso,

três poetas verdadeiros

e um só que o não era.



## CONVITE À VIAGEM

Daniel Filipe  
poeta também das ilhas  
quase triste também  
(dói, Daniel, esta tristeza calada  
de ser poeta e ser ilhéu!).

Daniel Filipe,  
dali da Agência Geral,  
faz um convite aos poetas  
da capital imperial,  
do Algarve, do Porto,  
de algures de Portugal,  
para virem até cá  
às ilhas esquecidas!

Que venham ouvir  
a alma do arquipélago  
cantando mornas!  
Haja o que houver,  
alegria ou tristeza,  
compondo, cantando,  
dançando mornas,  
ao som do violão!

Não é que não possam ter  
mais ternura  
mais humildade  
mais poesia  
do que nós outros  
os poetas de cá,  
mas venham até nós  
sentir a nossa poesia!

Faze o convite, Daniel,  
aos poetas de Portugal!

Queria vê-los  
escrevendo algum poema  
sob as picadas  
de anofélis zumbindo  
que às vezes  
nós temos aqui!

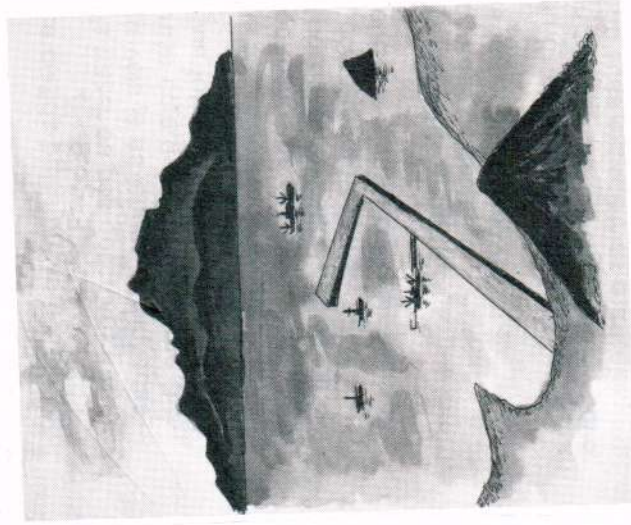
Não quero mal a ninguém  
a eles então menos,  
poetas irmãos,  
mas queria que tivessem aqui  
alguma experiência imperial  
sem naufrágios  
e perigos de morte  
que já quase não há!

Para susto e baptismo  
chegaria um dos nossos  
paradoxais febrões  
que põem o corpo a tiritar  
de frio glacial!  
Quarenta graus à sombra  
de alguns cobertores  
já bastariam!

Então tomariam,  
verias, Daniel, tomariam  
o gosto da aventura  
e o caminho  
das antigas rotas lusitanas!

É caminho que vai de Norte a Sul,  
do Ocidente ao Oriente.  
É a Grã-Cruz Portuguesa  
das navegações e conquistas  
vincada sobre a face do mundo  
— de Sagres ao Cabo da Boa Esperança,  
do Brasil à Índia!

Então cantariam,  
verias, Daniel, cantariam  
com um sentido mais profundo e certo,  
os Gamas, os Cabrais,  
os Almeidas e Albuquerque!



Cabo Verde, n.º 67, Abril, 1955 (mérito em livro), p. 78. Jorge Barbosa, «Convite à viagem».

## ODE AO MESTRE AUGUSTO MIRANDA NO SEU ANIVERSÁRIO

Mestre,  
também quis ser presente  
para vos saudar com a minha simpatia.

Mas queria antes trazer as mãos endurecidas  
pelos remos e pelas enxárcias  
ou calosas por causa do manejo  
muitas vezes inglório das enxadas,

queria trazer o tronco nu  
habitado ao sol ardente dos nossos campos,  
a face curtida pelas brisas marítimas,

queria trazer os pés descalços  
insensíveis já às longas caminhadas  
ou então com a marca em carne viva  
da água forte das salinas,

queria trazer dos frios areais  
dos portozitos de pesca  
uma dorzinha reumática nos ossos  
e no corpo magro e firme  
o cheiro das algas e dos peixes,

queria nos olhos o ardor  
do fogo das caldeiras  
e das fornadas de cal,

queria batendo no coração  
o coração sempre esperançado do povo,  
com as suas expectativas e anseios,  
a sua fé apesar de tudo persistente  
em Deus e nos homens  
que riscam os nossos destinos,

queria vir dos montes nevoentos da Brava  
assobiando uma canção de Eugénio,

queria vir das regiões do Fogo  
que as lavas calcinaram,

queria na roupa remendada  
a poeira vermelha das achadas de Santiago,

no rosto ressequido  
o salitre das marinhas do Maio e do Sal

queria vir dos antigos currais da Boa Vista  
com leite e queijo para vos dar,

queria trazer comigo  
o temor e a humildade católica  
da gente rural de S. Nicolau,

queria vir da Santa Luzia deserta,  
das ribeiras cantantes de Santo Antão,

queria vir daqui mesmo da ilha,  
do meio da baía,  
tisonado ainda

por causa do tráfego portuário do carvão  
que era a nossa maior riqueza,

queria vir das plantações de São Tomé  
ilha longe e sombria  
do Golfo da Guiné,

queria na boca o sabor amargo da pobreza,

queria ser presente como o homem  
simples das ilhas

e assim eu vos diria melhor a minha simpatia,



porque tendes sido, Mestre, desde sempre,  
a sentinela avançada em defesa da nossa terra,  
com a vossa palavra sem ódios,  
com a vossa pena brilhante e generosa  
como a espada  
dos heróis verdadeiros.

De vez em quando  
homens graves visitam-nos  
para a descoberta  
da nossa vida e das nossas precisões.

Chegam apressados e vão  
aos sacões de ilha em ilha  
para depois pontificarem profundamente  
sobre os nossos problemas.

Entretanto, Mestre,  
há décadas sem descanso que vindes dando  
o grito de alarme em prol do arquipélago  
apontando as nossas aspirações  
e o remédio ajustado para os males  
antigos que nos afligem,  
tão antigos, dir-se-ia datarem  
da hora inaugural da descoberta das ilhas.  
Porto Grande, estradas, instrução, agricultura,  
emigração, indústrias, recuperações,

— sei lá! —

de tudo falastes já  
com a vossa palavra  
vibrante

e sem ressentimentos.

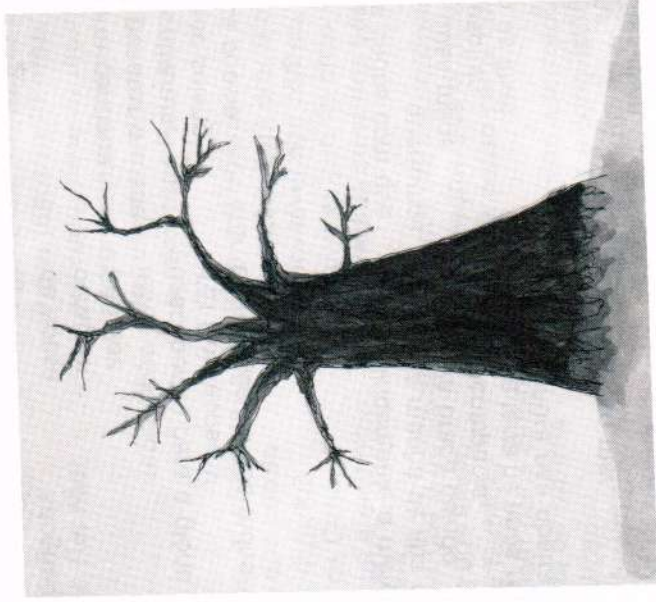
Pelo vosso passado, Mestre,  
pela vossa luta,

pelo vosso sorriso amigo,  
por tudo vos saúdo,

trazendo comigo a ressonância  
desta gratidão  
que é de nós todos.

Mestre,  
vos saúdo porque o soubestes ser,  
não só pelo que ensinastes nas escolas  
e nos dissestes com a vossa voz corajosa,  
vos saúdo porque ensinastes como ninguém  
a fé e o ânimo,  
o amor à nossa terra,  
porque nos ensinastes a verdadeira cabo-verdianidade.

Mestre  
no coração de nós todos!



Cabo Verde, n.º 96, Set. 1957 (inédito em livro), pp. 16-17. «Ode ao Mestre  
Augusto Miranda no seu aniversário».

5 ESTROFES DE AMIZADE PARA O POETA  
MANUEL LOPES

1.<sup>a</sup>

Porque  
juntos fomos jovens  
na mesma  
preocupação de poesia  
e com os mesmos  
ideiais e desassossegos.

2.<sup>a</sup>

Porque  
a nossa terra continua  
e os seus pesares e a sua  
angústia continuam  
na tua quase solene  
e dramática poesia.

3.<sup>a</sup>

Porque  
são dez os dedos com que  
apertamos  
as nossas duas mãos  
no pacto resoluto  
de amparo às ilhas  
às crianças  
às mulheres  
aos homens  
pobres destas ilhas.

4.<sup>a</sup>

Porque  
são dez as nossas ilhas  
e estão precisando  
com urgência  
da nossa  
poesia  
da nossa  
fé  
da nossa  
coragem.  
São dez  
irmãs esquecidas  
descobertas para a glória  
d'El Rei Afonso V  
e provação de nós todos.

5.<sup>a</sup>

Porque  
forçaste liricamente a meteorologia  
e fizeste a manhã da ilha despertar  
com chuva braba caindo  
vertical e compacta,  
alagando a terra há anos ressequida,  
rolando sonora nas ribeiras e nas  
almas  
até chegar ao mar.

Cabo Verde

Cabo Verde, n.º 97, 1 de Out., 1957, p. 12. «5 Estrofes de amizade para o Poeta Manuel Lopes» (inédito em livro).

CRISTO-REI

Ao Bento Levy

Longas cifras bancárias  
multiplicando-se,  
*champagne* ruidoso,  
mulher de formosura  
aliciante e perigosa  
— para esse Rei não!

Latifúndios, da orla do mar  
ao cume das serras  
em cujas lonjuras se estende  
a opulência das searas ondulando  
e dos frutos multicores,  
em cujas planuras ressoam  
as trombetas de caça e os cascos  
dos cavalos velozes em tropel  
— para esse Rei não!

Multiplicação, a milagrosa  
dos pães e dos peixes.

Vinho, o prodigioso  
das Bodas de Canã,  
o sacramental e simbólico  
da última ceia.

Mulheres, as que o cercavam  
para a cura dos filhos,  
as pobres e humildes  
que o seguiam pelos caminhos  
e ungiam-lhe os cabelos  
e os pés fatigados  
de óleo perfumado,  
as pecadoras redimidas,  
as que ficaram chorando  
e orando sob a Cruz  
até à hora final.

Bem que possua  
somente o bem precário  
e inevitável dos pobres:  
retalho exíguo de chão  
na medida certa dos pés que o  
pisam,  
bem que dura e continua  
no espaço breve do tempo  
de cada passo pelos caminhos.

Corcel fozoso adestrado  
em pugnas e conquistas,  
como esses que as estátuas  
e as pinturas celebrizam,  
com reis e generais  
famosos cavalgando  
— para esse Rei não!



Para ele o pachorrento,  
o bíblico jumento  
das lentas e longas jornadas  
pelos areais desertos.

Pesado manto de arminho  
das solenidades reais,  
botinas com fivelas  
de ouro e pedrarias  
— para esse Rei não!

A túnica apenas,  
alva e inconsútil,  
as sandálias grosseiras  
das caminhadas sem fim.

Coroa de mil jóias resplandecendo,  
ceptro empunhado impondo o mando,  
espada alçada  
ameaçando a força  
— para esse Rei não!

Coroa, a dos espinhos  
que lhe apertaram na frente,  
em suas mãos o bordão  
nodoso dos peregrinos,  
a bênção que absolve  
e o gesto milagroso.

Bol. *Cabo Verde*, n.º 98, 1 de Nov. 1957, p. 16. «Cristo-Rei» (inédito em livro).  
Ilustração de *Carlos Ribeiro*.

## QUESTIONÁRIO

Para *Francisco Mascarenhas*

O passageiro perguntou-me  
e eu disse dez ilhas  
fora alguns penhascos.

A nossa vida?  
os nossos problemas?  
— ah! a nossa vida  
os nossos problemas!

O passageiro escreveu  
no livro de apontamentos.

Dei as respostas  
que nós todos de há muito  
sabemos de cor  
e o passageiro anotou

A nossa música?  
as nossas danças?  
a nossa poesia?  
o nosso folclore?

Quis saber finalmente  
quanto nós somos  
e eu disse  
165000  
mas poderíamos ser mais.

A tudo respondi  
e o passageiro apontou.

O passageiro assentou  
os seis algarismos.

*Cabo Verde*, n.º 92, 1 de Maio, 1957 (inédito em livro), p. 17. Jorge Barbosa,  
«Questionário». Na versão que se encontrava nas mãos de Arnaldo França  
o poema terminava com mais dois versos:  
Boa viagem  
Passageiro.

## PALAVRA PROFUNDAMENTE

Há uma palavra que Manuel Bandeira descobriu um dia na poesia e que poeta algum poderá mais empregar porque ele só ficou sabendo o seu sentido exacto e o simples segredo da sua expressão.

Palavra que não é Passárgada não é Primeva não é nenhuma das suas desconcertantes fantasias de evasão lírica.

Palavra profundamente.

Para a alegria de duas mãos dadas na terça-feira do Carnaval para a saudade do Mário de Andrade ausente para o sono de Totónio Rodrigues de Tomásia de Rosa.

Poeta algum poderá mais empregar-la.

Enquanto isso Manuel Bandeira vai passando por nós no tempo na sua alegria melancólica na sua alegria de coração apertado vai passando na sua poesia profundamente.

Jorge Barbosa, «Palavra profundamente», in *Claridade*, n.º 8, S. Vicente, Maio, 1958, p. 26.

## CRIANÇAS

Para Arnaldo França

Dia e noite as notícias estão chegando telegráficas e sensacionais dos confins do mundo.

— Sobre destroços de casas e de árvores crianças chinesas boiando à deriva na corrente do Rio Amarelo transbordado!

— Poliomielite grassando nas províncias argentinas!

— Socorro tratamento urgente para o menino das montanhas dos Abruzos perdendo a vista pouco a pouco!

— Agasalhos abrigos alimentos para as crianças húngaras foragidas do esmagamento e das labaredas soviéticas!

Dia e noite as agências dos jornais estão telegrafando a rádio espalhando o alarme.

Organização Mundial de Saúde  
Cruz Vermelha  
Cáritas  
Exército de Salvação

estão providenciando  
estão salvando as crianças.



Quermesses  
rifas  
leilões  
tômbolas  
a favor das crianças  
chinesas  
argentinas  
italianas  
húngaras

sob o patrocínio de damas importantes  
louvadas depois nas revistas ilustradas  
com fotografias em ektacrome evidenciando  
colares e cruzeiros  
fulgindo nos decotes.

Há também as crianças pobres  
do povo das nossas ilhas  
mas é um caso apenas  
sem importância nenhuma  
e ninguém sabe  
ninguém dá por isso.

Temos também aqui  
crianças sem roupa  
sem lar e sem pão  
crianças tuberculosas  
sifilíticas  
aleijadas  
paralíticas  
cegas  
leprosas  
sem remédios  
sem escolas  
sem brinquedos  
levando cargas à cabeça  
por caminhos longos e ásperos  
que o rastro do povo deixou marcados

na terra endurecida e no basalto  
dos descampados e dos montes  
ignoradas crianças  
dos bairros promiscuos  
dos cais e das praias  
da gafaria do Barbasco  
crianças nuas rurais  
(ficam escondidas com a sua nudez  
atrás dos muros das estradas  
e apontam curiosas a cabeça  
para verem os automóveis que passam)  
crianças nuas  
dos portinhos de pesca  
(ficam olhando dos areais para o mar  
e nas minúsculas manchas ao largo  
sabem distinguir um por um  
os botes familiares).

Temos também as crianças  
pobres das ilhas  
mas é um caso apenas  
sem importância nenhuma  
gota de água caída  
no oceano vasto das crianças  
chinesas  
argentinas  
italianas  
húngaras.

Ninguém sabe  
ninguém dá por isso  
a rádio não fala  
os jornais não dizem  
ninguém telegrafia.

## «PRETINHA DOS PICOS»

Pretinha de um povoado  
algures nos Picos,  
quem sabe que existes?  
Quem sabe do teu  
pequeno direito  
à vida e aos sonhos?  
Pretinha ignorada,  
pretinha esquecida,  
o amor  
agora não é contigo.

Sem força,  
os teus braços magros já não servem  
para apertares  
o teu namorado  
de encontro ao peito.  
Nem tua fala tem mais  
palavras de ternura.  
Ficou-lhe apenas  
o hábito das rogativas,  
humildes, com que estendes  
a mão pelos caminhos  
e das súplicas tementes  
ao São Salvador do Mundo,  
orago festejado  
da tua freguesia,  
para que as águas do céu  
não tardem mais.

Agora, pretinha,  
a terra desamparada  
é um deserto à tua volta.

Agorá não,  
pretinha.  
Quando a chuva cair  
e os frutos cobrirem  
os campos de fartura,  
então, sim,  
o amor será contigo.

Assim esfarrapada,  
escanzelada e faminta,  
o amor não é contigo.  
Não é mais ardor  
no teu coração,  
nem chama,  
nem miragem,  
nos teus olhos tristes  
de verem a terra  
desolada e ressequida.

*af, ao contrário!*  
*(f. volta ao contrário)*  
No seu colorido  
vermelho escuro e pesado,  
os campos áridos parecem,  
ao sol que os abrasa,  
cobertos de sangue  
pressago e coagulado.

Agora  
tudo é silêncio  
e um mudo desespero  
à tua volta, pretinha.

Onde o harmónio,  
velho companheiro  
dos teus avós?  
Não mais o seu canto  
confidenciando queixas  
e males antigos,  
ainda sem remédio,  
não mais o seu canto  
longínquo e melancólico,  
pairando na calma  
nocturna da ilha.

Onde os batuaques,  
contigo dançando  
no terreiro?  
Nos passos sincopados,  
no quadril ondeando,  
nos seios pequenos  
vibrando ajustados  
à blusa apertada,  
na volúpia do corpo  
flexível e ágil,  
ora coleante  
e fugidio,  
ora em delírio,  
ora em pânico,

ora em êxtase,  
tu vivias e continuavas  
a dança ancestral,  
mas agora  
o amor não é contigo.

Onde os batuaques,  
contigo dançando  
na toada dolente  
e metálica da viola,  
ao compasso insistente  
do coro e das palmas?  
Vozes remotas de África,  
rumores seculares  
da África-Mãe,  
ressoando nas almas,  
ecoando ao longe  
na noite quente  
da ilha esquecida!

O amor, pretinha,  
agora não é contigo.  
Quando a chuva cair  
e as espigas  
e as vagens  
forem já ofertadas  
da terra revivida  
e as melancias,  
os melões,  
as abóboras  
rolarem sobre os campos,  
quando a chuva cair  
quando as violas e os harmónios  
voltarem com seus cantos  
Arrastados e lentos,  
enchendo de melodias



a tranquilidade da noite,  
então, pretinha,  
o amor será contigo.

Quando a chuva cair,  
tudo será bom depois.

Haverá animação pela festa  
de São Salvador do Mundo,  
com procição presidida  
pelo Bispo da Diocese.  
Homens graves dos Picos  
pegando as varas do pálio,  
solenemente.

Haverá foguetes  
e bombas, reboando  
pelos montes,  
grog escorrendo,  
ardendo nas gargantas,  
incitando conversas,  
afastando tristezas  
e lembranças recentes.

Levarás vestido novo,  
brincos de fantasia,  
colar de contas pesadas  
pendentes sobre o peito  
arfante de emoção.  
Teu namorado dará  
anel dourado com uma  
pequenina pedra de vidro,  
cor de estrela brilhando.

Escanchado na montada,  
a mão firme na rédea,  
o *americano* fará,  
por tua causa somente,  
rodeios e habilidades

no pequeno largo da igreja  
e abalará pela estrada  
no macho respigão.

Quando a chuva cair,  
o amor será contigo.

A limpidez da água  
corrente das ribeiras,  
o cintilar argênteo  
do orvalho na folhagem,  
terão reflexos no brilho  
dos teus olhos húmidos.

Treinados nos trabalhos  
duros da lavoura,  
sentirão os teus braços  
outra vez o vigor,  
com que apertarás  
o moço que tu amas  
de encontro ao seio.

Na tua voz segredada  
dir-lhe-ás então as palavras  
mais ternas e líricas  
de amor e de sonho  
e os teus beijos terão  
o açúcarado e ácido  
sabor a laranja  
ainda mal madura.

Quando a chuva cair,  
não mais a perspectiva  
do alistamento e do êxodo  
para São Tomé,  
ilha longe e sombria  
do Golfo da Guiné.

Não mais, pretinha,  
a tua mão estendida,  
humilde, pelos caminhos.

Pelos caminhos irás  
com os frutos da terra  
sustidos à cabeça,  
em equilíbrio ajustado  
à flexão ágil do tronco,  
ao lançamento das pernas  
musculosas e firmes,  
ao balanço dos braços  
e ao ritmo certo  
da marcha apressada.

Quando a chuva cair,  
o amor será contigo,  
pretinha dos Picos.

Teu namorado  
levar-te-á pela cintura  
para um recanto escondido  
de trás da folhagem.

## TAMBORES DE S. JOÃO

Tropel de cavalos  
velozes  
em pânico fugindo  
ao longo de planícies ressequidas  
rebombos  
de nuvens tempestuosas  
roncos de ondas  
que rolam  
erguidas em espuma  
sobre os areais  
das praias desertas da ilha  
bater  
rouco de pilões  
pelas alvoradas  
fragores  
heróicos de batalhas  
vindos de longe  
no peito do vento  
bátegas  
de chuva brava  
engrossando ribeiras  
enxurradas  
desmoronamentos de rochas  
estrépidos  
todos  
estes ruídos e ecos  
são os tambores de São João  
que seguem pela estrada  
a caminho  
da Ribeira do Julião.

Vai o povo também  
vai seguindo e dançando  
a dança alucinada  
do choque  
violento dos abdômens  
entre apitos  
gritos  
e delírios  
ao compasso da toada  
guerreira dos tambores.  
Tocadores de tambor  
no vosso caminho parai  
apenas por um instante  
parai à porta do cemitério.  
Com as vossas mãos acrobáticas  
e rápidas rufai  
a mais ruidosa toada.  
Com tropéis  
rebombos  
fragores  
roncos  
estrépidos  
desmoronamentos  
tocai  
para os que estão lá dentro  
no fundo húmido dos covais  
para as mulheres e os homens  
antigos da ilha  
para os que morreram cedo  
para os que foram os defensores  
do povo e da ilha  
e pronunciaram na sua voz profética

discursos políticos nos comícios  
do coreto da pracinha  
tocai para os jogadores  
do *football* e do *cricket*  
das tardes vibrantes da Salina  
com a banda municipal tocando no Pavilhão  
metálicas marchas triunfais

tocai para os trovadores  
os cantores das mornas  
para os tocadores da viola  
do violino do violão do cavaquinho  
que eles eram a alma das nossas festas  
e faziam lentas serenatas  
em noites luarentas do Mindelo

ah tocadores de tambor  
não há mais serenatas  
proibiram as serenatas  
e dir-se-ia que o luar  
também foi proibido!

tocai para os trabalhadores de carvão  
no tempo feliz do Porto Grande  
para os tocadores  
de tambor como vós  
para os alcoólicos  
os boémios  
as mulheres de vida  
rufai os vossos tambores  
tensos e vibráteis  
com as vossas mãos velozes  
a mais desesperada toada  
para os que estão no fundo  
escuro dos covais.



Segui depois tocadores  
com os vossos tambores a rufar  
com o povo a dançar  
entre gritos e apitos  
segui pela estrada  
da Ribeira do Julião.

Tambores  
de São  
João  
tambo  
res de  
São  
Jo  
ão  
Tam  
bo  
res  
de  
São  
Jo  
ã  
o  
.  
.  
.

## MEIO MILÉNIO

I

### CONTAGEM

1460  
ano histórico  
do Achamento  
para a glória  
d'El-Rei Afonso V  
e provação de nós todos.

1960  
sétimo  
na ordem  
do Plano do Fomento.

Duas datas  
facilima contagem  
de 5  
séculos vazios.

Assim  
a nossa  
pouca aritmética  
simples e dramática.

Bom!

In rev. *África*, n.º 2, Out. Dez. 1978, pp. 153-156. «Tambores de S. João»  
(publicado por José Bizarro) (inédito em livro) [1959].

II

**PROGRAMA**

Qualquer dia  
não tarda amigos  
acordaremos pela alva  
com o troar dos morteiros  
subitamente ecoando  
pelas distâncias  
silenciosas do Arquipélago.

Será assim o início  
das comemorações centenárias.

5 séculos cumpridos  
da nossa descoberta  
meio milénio rolado  
irremediável e inútil  
sobre as ilhas.

Entidades responsáveis  
pelo esplendor comemorativo  
do histórico aniversário  
fixaram com rigidez  
de horário e protocolo  
passo a passo  
os acontecimentos  
e o calendário  
do jubiloso programa.

Do semanário oficial  
onde se impõem os rumos  
do nosso destino  
constam já as cifras  
maciças e redondas  
da generosa oferta  
do Governo da Nação.

1500 contos amigos  
para o êxito  
das festas centenárias!

Assim festejaremos  
500  
anos vagarosos  
de melancólica expectativa  
e esqueceremos por momentos  
a nossa habitual penúria  
antiquíssima de 5  
séculos também.

1500 contos amigos!  
a não ser  
que afinal se utilizem  
em vacinas antipoliomielite  
para a defesa das crianças  
pobres das ilhas  
(mas elas podem esperar  
há meio  
milénio que esperam).

Haverá morteiros  
bombas e foguetes  
inaugurações  
musicais derrames  
pela charanga municipal  
sessões soleníssimas  
banquetes e bailes oficiais  
formalíssimos  
bodo aos pobres em formatura.

Haverá prosas  
e discursos  
patrióticos  
pedagógicos  
agrícolas.



*Colômbia*

Haverá o Infante  
as Caravelas  
Camões  
Salazar  
o Porto Grande  
o café  
o rícino  
a purgueira  
as conservas  
a banana  
a pecuária  
a arborização  
as chuvas

a Instrução é a alavanca do Progresso  
(muitas palmas)  
as estradas são as veias  
por onde corre e palpita  
a vida do Arquipélago  
(muitas palmas)  
e mar profundo  
dos nossos Maiores  
(palmas delirantes).

Haverá aclamações  
mas sobretudo  
haverá discursos  
graves e retóricos  
de sobra para mais  
de 5 centenários.

Pelas noites  
quentes do Jubileu  
também teremos  
o maravilhoso espectáculo das luminárias  
e veremos por instantes  
no céu cabo-verdiano

minúsculas e policromas estrelas  
pedrarias  
lágrimas  
e pétalas  
incandescentes e efémeras  
caindo vagarosamente  
dos fogos-de-artifício.

Teremos ainda  
a discreta ternura  
das pequeninas lâmpadas do estilo  
com líricas luzinhas multicolores  
de sóis longínquos  
contornando escudos nacionais  
e austeras fachadas  
dos edifícios do Estado.

Os fogos-de-artifício  
as líricas luzinhas  
talvez sejam  
o único parêntesis  
de caudal poesia  
na gravidade oficial do programa.

*Impite*

X

III

**BALANÇO**

5 séculos  
sem História  
mas com muitas  
histórias pra contar.

5 séculos  
tristes e lentos  
de longa penitência  
vincados e sofridos  
na alma  
atormentada das ilhas  
guardados ainda  
nos recessos da memória.

5 séculos  
o Porto Grande  
(agora  
tardiamente lembrado)  
desde sempre abandonado  
na rota do Atlântico.

Por pouco sentíamos  
as sereias dos vapores  
os guindastes  
os vagons  
os rumores mecânicos  
do porto vizinho de Dacar.

5 séculos  
5  
estradas talvez.

Mas não vale  
a pena contar  
as estradas  
a água  
os fios telefónicos  
as bibliotecas  
as pequenas escolas rurais  
(sem carteiras  
sem mapas  
sem giz).

Portos  
cais  
guindastes  
(mecânico  
apenas um)  
não vale  
a pena contar.

Médicos  
enfermeiros  
hospitais  
maternidades  
raios X  
postos sanitários  
(sem pensos  
sem quinino  
sem tinta)  
não vale  
a pena contar.

5 séculos  
não vale  
a pena contar  
o pouquíssimo que ficou  
da longa  
jornada sem venturas  
não vale  
a pena contar  
o muito  
quase tudo  
que nunca tivemos.

5 séculos  
homens  
mulheres  
crianças  
amontoados nos porões  
da nossa frota imperial  
no rumo de São Tomé  
não vale a pena  
não podemos  
contar.



#### IV

### CONVITE

Vamos todos  
às festas centenárias.

Ninguém falte  
preparemos  
as nossas roupas  
dos momentos solenes  
os mais pobres  
também não faltem  
mesmo com os remendos  
da sua miséria.

Ninguém falte  
vamos todos  
com o nosso entusiasmo  
o nosso patriotismo  
os nossos vivos  
as nossas palmas  
vamos todos  
às festas centenárias.

Vinde todos  
amigos  
dos vossos  
vales e ribeiras  
das achadas  
dos portinhos de pesca  
descei  
dos montes e cutelos  
vinde todos  
trazei  
harmónios e violões.

Trazei flores  
húmidas ainda  
dos canteiros familiares  
flores

para altares e andores  
para a ornamentação  
dos arcos festivos  
para o pedestal das estátuas  
de Camões

Sá da Bandeira  
dos governadores  
Albuquerque e Serpa Pinto  
dos navegadores  
Diogo Afonso e Diogo Gomes  
flores  
em memória dos que viveram  
e morreram  
para a grandeza da Pátria.

Vinde todos  
na falta trazei  
humídes flores bravas  
das nossas ilhas  
milagrosas flores  
que ninguém semeia  
ninguém colhe  
e nascem

persistentes e heróicas  
nos descampados ressequidos  
na crosta das rochas  
nos muros dos caminhos  
nos telhados dos casebres rurais

humídes flores  
sem perfume  
milagrosas e heróicas  
baluçando no topo  
das hastes esguias e ágeis  
vergando e erguendo  
lutando e dançando  
com o vento.

Na falta trazei  
humídes flores bravas  
milagrosas e heróicas.

Na sua teimosia  
de ressurreição e continuidade  
através dos extermínios  
cíclicos das estiagens  
são o símbolo trágico  
do povo da nossa terra.

Vamos todos  
às festas centenárias.

V

## PRESENÇA

5 séculos  
de abandono  
e retardado progresso.

Apesar de tudo  
Portugal presente em nós  
nos nossos males  
nas nossas queixas e súplicas  
nas nossas esperanças  
nos nossos anseios.

5 séculos  
sem eco  
na nossa felicidade.

Apesar de tudo  
Portugal presente em nós  
pela bondade e ternura  
que nos ensinou  
pela civilização  
que nos deu  
pelo sangue  
fala  
arrogância  
valentia  
virtudes e defeitos  
que nos legou  
pelos distantes rumos  
da navegação e da aventura  
que nos apontou

e porque fez de nós  
humanas  
e variáveis criaturas  
cordiais e brandas no convívio  
no amor violentas  
e volúveis

5 séculos  
não perdemos  
a fé e o optimismo.

Apesar de tudo  
Portugal presente em nós  
no fundo reflectido  
do espelho que nos deu  
para nos mirarmos  
à sua imagem  
(na outra face  
que o tempo  
vai aos poucos embaciando  
África ainda  
por nós acenando).

5 séculos  
haverá discursos  
estrandos  
de bombas e foguetes  
fogos-de artifício  
bodo aos pobres.

5 séculos  
e outros  
outros depois.

Apesar de tudo  
Portugal presente  
nas nossas almas

melancolicamente  
eternamente.

Ilha do Sal  
Julho/Agosto de 1959.



## ROTEIRO DA RUA LISBOA

### NOCTURNO

Depois da meia-noite  
romântica batendo  
na torre camarária  
tem a Rua Lisboa  
algo solenemente  
de mistério e poesia.

Uma a uma as vitrinas  
apagam solidárias  
o clarão platinado  
dos focos a *néon*.

Penduradas nos postes  
soluçam em silêncio  
e agonizam as luzes  
das lâmpadas eléctricas.

Rua Lisboa então  
se embuça pelas sombras  
cúmplice de aventuras  
apenas aguardando  
o insólito sinal:  
pequena luz ao longe  
piscando cautelosa  
ou assobio longo  
no escuro da baía.

Depois da meia-noite  
subitamente vem  
de algures por instante  
e vai furtiva e ágil  
a aparição da moça  
retardatária e insone

companheira das noites  
secretas da cidade.

Diluída na penumbra  
passa oculta e subtil  
em pânico fugindo  
ao vulto taciturno  
e imóvel do polícia.

Vai descalça e flexível  
e os seus pés não trauteiam  
no passeio o bailado  
dos passos apressados.

A chama do cigarro  
em seus lábios sustido  
vai na fuga ondulando  
suspende pelo espaço  
como se fosse algum  
alado vagalume.

Depois da meia-noite  
tem a Rua Lisboa  
uma certa poesia  
que ninguém descobriu.

Chega na dispersiva  
ressonância portuária

no rumor distanciado  
da ressaca rolando  
areias e sargaços

na confusa linguagem  
de marinheiros bêbados  
aos tombois retomando  
o caminho do cais  
no assobio longínquo

afiado como um silvo  
de seta desferida  
vibrátil e veloz  
varando ao meio o escuro  
espesso da baía.

O silêncio depois  
névoa lenta invisível  
vagamente caindo  
sobre a cidade e o porto!

Rua Lisboa dorme  
neste instante afinal  
sono breve desperto  
pelo primeiro cântico  
do galo da alvorada.

Cântico firme e argênteo  
triumfal e vibrante  
clarim inaugural  
da fria antemanhã.

Jorge Barbosa, «Roteiro da Rua Lisboa», in *Clairidade*, n.º 9, Dezembro, 1960, pp. 31-33 e *Garcia de Orta*, vol. 9, número I, Lisboa, Rev. da Junta de Investigações do Ultramar, 1961, p. 161.

## PESCADORES

Quem sabe que existem os pescadores da árida ilha do sal e do sol?

Se passam por nós a roupa aos remendos os rostos queimados quem sabe que passam?

Pescadores da ilha sombras cruzando por nós no caminho quem sabe que existem?

Sombras apenas quaisquer no caminho seguindo e cheirando a algas e a peixe.

Já quase não sentem nos ossos o frio gelado e filtrante da roupa molhada.

Já quase esqueceram o infausto destino e quase não sentem a fome e o cansaço

das horas sem fim vividas ao cimo das ondas roladas do mar do canal. Persistem às vezes em dias seguidos rajadas afiadas dos ventos alísios.

Passam e varrem planícies e montes e levam e trazem areias e dunas.

Incitam a iras súbitas do mar revolvem espumas e assobiam

uivantes e lúgubres árias sincopadas nas ruínas das casas antigas da ilha.

Os pescadores deitados à noite escutam no escuro distantes rumores

da fúria do vento e do mar revolto bramindo e ressoando ao longo da praia.

Em dias inúteis da ventania ficam olhando o mar e o céu.

Horas a fio ficam olhando silenciosos e graves sem ressentimentos.

E os botes em fila ao sol esperando ao sol ressequindo na praia amarela.

É raro mas há às vezes um bote ao longe virado no meio das ondas

e depois aparece varado e desfeito na orla de alguma das ilhas vizinhas.

Repentinamente de quando em quando fogem os peixes todos do mar.

E os barcos regressam vazios e leves deitados ao peso da vela enfunada.

Mas os pescadores com peixes ou não saltam no areal calados e calmos.

Habituaados ao mar mal sabem andar nas duas ruas calçadas da Vila.

Passam cautelosos os braços caídos um pouco gingando o passo arrastado.

Mesmo sem nenhuma sabedoria possuem a sua simples filosofia

e com ela comentam ironicamente a vida e a lei e a justiça dos homens.

Apesar da miséria quotidiana e remota e dos gestos raros medidos e lentos

da roupa aos remendos das mãos deformadas das faces queimadas curtidas e rudes

parece que há neles algo invisível diluído e presente de calma grandeza.

Quem sabe que existem os pescadores da árida ilha do sal e do sol?

Jorge Barbosa

Novembro 1962

Ilha do Sal

Outubro-de-1962



Aeroporto do Sal,

noite reumática de 28 de Novembro de 1962.

Caro França:

Duplamente agradeço a separata que me enviou.

Tenho sofrido muito com reumatismo num pé, que está deformado pelo inchaço.

Suponho ser reumatismo.

Mesmo assim, aproveitando uma pausa generosa passei versos à máquina, para lhe enviar, pelo avião de amanhã. Com eles vão 2 poemas, anedóticos talvez, de lago da Nóbrega.

Conto enviar-lhe também alguns livros de poesia que você lerá e devolverá logo possa. Estou lendo as obras completas de Jorge de Lima, em dois volumes (tenho aqui o 1.º de poesia). Não lho envio porque não é meu. Mas verei se mando vir os exemplares do Brasil. Edição esplêndida, em papel Bíblia. O volume que tenho é de cerca de 1200 páginas.

A propósito de Jorge de Lima: é capaz de me descobrir o meu exemplar de «Túnica inconsútil» que anda por aí? É-me precioso, pela dedicatória que está nele.

Ando em grande actividade poética. Estou abalanzado em atrair para fora «Cancioneiro da Ilha». Acabei ontem de escrever «Natal no pardieiro», poema que está ainda em observação... Tenho vários poemas em projecto. Começado, o «Violão». Pensados: «Toponímia», «Miragens», «Requerimento» (ao Governador, pedindo água para o povo da Ilha do Sal; não confundir com o poema rabisado «Carta do Governador», de que o Amândio César fala).

Quase todos os poemas que lhe vou remeter, enviei-os também ao Félix para Lisboa, mas este não me deu conta de os ter recebido.  
Diga ao Jaime (é importante) que não vi até agora a tal pessoa. Não me procurou e não me consta que tenha vindo. Espero algo de concreto para lhe escrever.

Abraço e amizade do seu

Jorge Barbosa

## NATAL NO PARDIEIRO

Humildemente  
Cristo nasceu  
outra vez nos presépios  
dos lares da Vila.

E fica pensando  
nos rumores de longe  
que chegam no vento  
e galgam rolando

E soam pela noite  
ruídos em louvor  
ao menino em seu berço  
de feno dourado.

a íngreme colina  
ecoando diluídos  
e tristes no fundo  
negro do pardieiro.

Litúrgicos ruídos  
de vozes ao órgão  
na Missa do Galo  
cantada na Sé.

Jamais para ele  
a ceia e o vinho  
e o velho Pai  
Natal legendário.

Ruídos confusos  
de apitos e gritos  
assobios e súbitos  
estoiros de bombas.

Seus trapos em vez  
de manta e colchão  
o solo batido  
seu húmido leite.

Ruídos orquestrais  
de arcadas e bordões  
e notas metálicas  
soltas no ar.

Pobre aleijado  
impávido e só  
no escuro das ruínas  
da casa remota.

Tão jovem sozinho  
inzone deitado  
no escuro das ruínas  
no alto do monte

Um vago mistério  
e insólitos rangidos  
enchem a noite  
longa do pardieiro.

o pobre aleijado  
sabe que a noite  
festiva jamais  
será para ele.

Cai lento o orvalho  
o vento imiscui-se  
e gira cortante  
e frio como um gume.

Gotejam trémulas  
lágrimas de estrelas  
pelos buracos  
dispersos no tecto.

Tende piedade  
nesta noite Senhor  
do pobre aleijado  
tão só no pardieiro.

Dai-lhe Senhor  
somente uma vez  
a colcha dos ricos  
em noites de frio.

Dai-lhe Senhor  
um travesseiro  
dai-lhe um colchão  
de levíssima pluma.

Perdoai-me perdoai-me  
mas ponde Senhor  
uma mulher  
deitada ao seu lado...

Silenciosa e suave  
na langue ternura  
cheirando a rosas  
o sabor nos lábios

a ácido mel  
de estranha doçura  
seus olhos dois  
vagalumes no escuro.

Ninguém saberá  
jamais o milagre  
e quando acordar  
amanhã pela alva

o jovem alertado  
então pensará  
que foi um sonho  
tão bom e tão quente...

Ilha do Sal

## FOLHA SECA

Para Natércia Freire

Folha seca  
triste do outono  
desvairado  
vento a levou.

E foi subindo  
subindo em vertical  
pelo espaço  
rodopiando.

Mas repentino  
parou o vento  
e a folha seca  
abandonada

veio pairando  
vagarosa e leve  
caindo pelo espaço  
em espiral.

Deus vendo-a  
desamparada  
na lenta  
queda rodopiando

Deus compadeceu  
e a transformou  
em súbita  
e ágil andorinha.

Todos os anos  
pela primavera  
volta de longe  
volúvel e breve.

Chega veloz e passa  
acrobática roçando  
a tarde lírica  
da ilha pequena.

Ilha do Sal.

«Natal no pardieiro», [1962]. Ver Carta de Jorge Barbosa a Arnaldo França de 1962, p. 92.

In *bol. Cabo Verde*, n.º 166/168, Julho/Set., 1963, p. 30 (inédito em livro). Na 1.ª versão inédita, a 6.ª estrofe tinha a seguinte forma:  
«Deus compadeceu/e a transformou/subitamente/em ágil andorinha».



## DESCOBERTA

Pequena ilha  
pequena e dramática  
Deus amoldou-a  
virgem e rubra  
das lavas de algum  
vulcão submerso.

Depois rodaram  
milénios e astros  
exactos no espaço  
e um dia aportaram  
bojudas e lentas  
caravelas do Infante.

Eram nautas que vinham  
confiantes e heróicos  
do promontório de Sagres.  
Homens de peito largo  
audazes e queimados  
pelo sol e pelo suão.

Gente de rude fala  
e espessas barbas  
revoltas e agrestes  
com resíduos ainda  
vítreos e húmidos  
das espumas oceânicas.

E a ilha e as outras  
do esquecido Arquipélago  
foram então achadas  
para a glória d'El-Rei  
Afonso Africano  
e a provação do nós todos.

## DISPERSÃO

A Eurico Miranda da Cruz

Estrela Círius,  
fulgindo no mistério  
nocturno da amplitude,  
ou outra mais além  
perdida nas galáxias.

Pássaro da tarde,  
solitário e lento,  
pairando pelo espaço  
de um azul de esmalte  
cristalino e luminoso.

Capitão de antigo lugre,  
cachimbo na boca,  
ao leme navegando  
por secretos rumos  
de longínquos mares

com ignotas ilhas  
rubras de coral  
em cujas praias  
rolam com as ondas  
as últimas sereias.

Guerreiro sem temor,  
cavalgando o mais  
veloz corcel,  
alçando firme na mão  
a mais certa espada,

à frente comandando  
inumeráveis e despertas  
legiões esfarrapadas  
para o combate afinal  
aos tiranos que há ainda.

Pequena flor bravia  
da beira do lago,  
em flexível haste  
sustida e balouçando  
ao sopro da brisa.

Sobre o lago pendida,  
reflecte-se e brilha  
qual estrela boiando  
entre minúsculos e ágeis  
peixes multicolores.

Ao centro do palco,  
infalível e grave,  
o mágico senhor  
das sortes imprevistas  
e ajustada casaca.

Na mão a cartola  
reluzente e prodigiosa,  
de onde subitamente  
saltam e jorram  
pétalas, coelhos e cascatas.

Rei de Copas,  
solene e triste,  
das lentas paciências  
pelas noites longas  
da pequena ilha.

O ceptro erguido em riste,  
o busto reflectido,  
dir-se-ia mergulhado  
na água translúcida  
de um invisível tanque.

Bol. *Cabo Verde*, n.º 166/168, Julho/Set. 1963, p. 28. «Descoberta» (inédito em livro). Na versão inédita, o 2.º verso da 3.ª estrofe era o seguinte: «confiantes e fortes».

Impávido e jovem  
ginasta do espaço,  
em negra e luzida malha  
o corpo modelado  
ao clarão dos candelabros

aéreo e ágil saltando  
e rodeando trapézios  
que ao alto oscilam  
em movimentos graves  
e rítmicos de pêndulo.

Tocador de violão,  
escondendo em seus cantos  
a diluída amargura  
e os males antigos  
do povo das ilhas.

Cavador das ilhas,  
os olhos no céu  
e o coração batendo,  
batendo e esperando  
a chuva tardia.

Os olhos no mar  
e o coração batendo,  
batendo e esperando  
o vapor para as roças  
do Golfo da Guiné.

.....

Flor da beira do lago,  
mágico, pássaro, ginasta,  
rei sem tirania,  
capitão dos mares inviolados,  
longínqua estrela,

trovador, guerreiro,  
cavador das ilhas  
— eu sou por vezes  
nos líricos instantes  
da minha fantasia,

eu sou por vezes,  
melancolicamente,  
na solidariedade  
e inútil protesto  
da minha poesia.

Ilha do Sal  
Cabo Verde

Julho-Setembro-1963

## PEIXES

Poetas ilhéus  
cantemos poemas  
aos peixes também  
do mar do Arquipélago.

Não aos esqualos  
vorazes da cor  
imprecisa da sombra  
cautelosa e traiçoeira.

Cantemos os peixes  
verdadeiros que existem  
iguais aos que o Mestre  
um dia multiplicou.

Os peixes sem eles  
a mesa dos pobres  
das ilhas seria  
mais triste e vazia.

Sem eles não mais  
na mesa dos pobres  
a breve miragem  
de festa e fartura

e o cheiro gostoso  
com que se iludem  
e iludem a fome  
remota de séculos.

Cantemos o cherne  
a bicuda o badejo  
o bidião para as dietas  
dos doentes humildes.

Cantemos louvores  
ao corcovado  
solitário levando  
as costas sobre os olhos.

Cantemos o pargo  
o merato a palombeta  
o peixe voador  
os peixes pequenos

esquivos e ágeis  
vibráteis prateados  
dourados morenos  
multicolores.

E os raros que passam:  
salmão foragido  
dos rios gelados  
das terras do Ártico

linguado espalmado  
de olhos oblíquos  
salmonete arrastado  
nas redes do isco.

Sobretudo cantemos  
a albacora e as cifras  
que tem a seu crédito  
na nossa economia.

Com o seu brilho  
metálico e cinzeo  
cor do luar pelas frias  
noites de neblina



com o retrato  
em litografia  
nas latas de conservas  
da fábrica local

detém a albacora  
a graça de ser  
a rainha veloz  
do mar do Arquipélago.

Cantemos os peixes  
que passam ao largo  
ou vivem no fundo  
calmo dos portos

que rondam a sombra  
discreta das ilhas  
ou buscam as furnas  
sem luz dos rochedos.

Sem eles os pobres  
das ilhas não tinham  
o cálcio e o fósforo  
nem as vitaminas

indispensáveis  
à quotidiana  
aventura do amor  
e da procriação.

Julho-Setembro 1963

## PANORÂMICA

Pequena surgindo  
além no horizonte  
à contra-luz  
crepuscular

a ilha parece  
contorno de algum  
navio desfeito  
perdido no mar.

Vista do ar  
na sua agressiva  
e nua paisagem  
árida rompe

do meio das ondas  
em súbita chama  
ardendo dourada  
ao fogo do sol.

Luzes nocturnas  
distantes minúsculas  
e paralelas  
balisam o aeródromo.

Dramática ilha  
nos seus descampados  
e nos poucos  
oásis que tem

de um verde discreto  
tão só é possível  
vivendo da água  
salobra dos poços.

Oásis com  
dulcíssimas tâmaras  
e coqueiros esguios  
vergando inquebráveis

e ágeis bailando  
a dança do vento  
desesperado  
bailado acrobático.

Dramática ilha  
do sal e do sol  
do vento e das pedras  
inumeráveis

vulcânicas radiando  
embaciado reflexo  
pelo desamparo  
dos campos ressequidos.

Se acontece cair  
a chuva abundante  
nascem e crescem  
folhagens e frutos

os pobres se iludem  
no seu optimismo  
que veio a fartura  
ficar para sempre.

A ilha possui  
uma certa poesia  
sabendo a sal  
da sua amargura.

In Bol. Cabo Verde, n.º 166/168, Julho/Set. 1963, p. 29. «Peixes» (inédito em livro).

Monótona poesia  
nocturna do vento  
e dos ecos que chegam  
das praias desertas.

Poesia do luar  
e as noites parecem  
envoltas num manto  
de platina translúcida.  
E pelas distâncias  
álidas do mar  
parece que brilham  
fragmentos de espelhos.

Poesia sem  
murmúrio de água  
e aromas e cânticos  
de aves matinais.  
Sem flores e cores  
e searas maduras  
ondulando ao sopro  
vagaroso da aragem.

Poesia geográfica  
da gola de espumas  
rodeando a ilha  
eternamente.

Desvairada poesia  
ninguém a percebe  
nas aflitivas  
rajadas do nordeste  
nas cavalgadas  
impetuosas das ondas  
velozes correndo  
sobre os recifes.

Ignota e rude  
poesia da ilha  
sem ternura quase  
mesmo assim poesia.

Jorge Barbosa  
Ilha do Saí  
1962

Nota: Numa outra versão do mesmo ano, que deve ter sido anterior a esta por ser menos elaborada, vejamos as seguintes diferenças.  
1.ª estrofe: «Vista de longe/à contra luz/de um rubro diluído/crepuscular/  
2.ª estrofe, 3.º e 4.º versos: «navio desfeito/boiando ao acaso».  
12.ª e 13.ª estrofes: Se acontece que a chuva/cai afinal/e crescem folhagens/e frutos os pobres.

no seu optimismo/se iludem que foi/a fartura que veio/ficar para sempre.  
17.ª estrofe — 2.º verso — frias do mar  
19.ª estrofe — 4.º verso — lento da aragem

## REVERSIBILIDADE

Não sei assim  
do que de mim foi feito  
daquele que não fui.

O que não fui não conta  
é cousa que abjurei  
mas ainda existe.

Existe e persiste  
na sua memória  
secretamente.

Existe e insinua  
qualquer cousa vaga  
quotidianamente.

A outra face  
a de quem não fui  
e não quis que o fosse

é o outro lado  
desta face que é  
a verdadeira ou não.

Não sei assim  
do que de mim foi feito  
daquele que não fui.

lago da Nóbrega

«Reversibilidade» [escrito em 1962] sob o pseudónimo lago da Nóbrega. Nota:  
Ver carta de Jorge Barbosa a Arnaldo França, de 28/11/1962.



## BEBEDEIRA

vinha da vinha  
vinho rolando  
vinha do vinho  
da vinha caindo

vinha vindo  
vermelha cor  
do sangue da vinha  
da vinha do vinho

vinha do vinho  
sangue da cor  
da vinha correndo

tombando caindo  
do vinho rolando  
da vinha tombando.

lago da Nóbrega

«Bebedeira» [escrito em 1962] sob o nome de lago da Nóbrega. Ver carta de Jorge Barbosa a Arnaldo França.

## VIOLÃO

Tem o violão  
as notas e os tons  
medidos e certos  
dos mais instrumentos.

Mas é tão diferente  
e mais profunda  
a solene melodia  
que há no violão.

Ressoa na alma  
marítima das ilhas  
como um longínquo  
rugido de ondas.

Prima é a prima  
corda do violão.  
Na sua estridência  
os gritos relembra

e os cantos da infância  
a priminha das nossas  
danças à roda  
de mãos apertadas.

Nostalgia de viagens  
e terras impossíveis  
paira na corda  
lá do violão.

Bordão é o velho  
trôpego do bordão  
contador de histórias  
antigas do mundo.

Poetas do povo  
sua lira o violão  
seu confidente  
certo o violão.

Marinheiro dos nossos  
veleiros é Deus  
o seu companheiro  
depois o violão.

Em noites de aragem  
o barco adornado  
seguindo à bolina  
fica sentado

junto da proa  
sozinho tocando  
compondo às estrelas  
graves melodias.

Serviçal que parte  
ao balanço do mar  
no rumo das roças  
equatoriais

vai com ele o violão  
e dentro do violão  
vai a saudade  
do nosso Arquipélago.

Guarda o violão  
no arrastado compasso  
um pouco da nossa  
antiga amargura

um pouco da nossa  
revolta diluída  
nos cantos que os poetas  
das ilhas compõem.

Às vezes eu toco  
subitamente  
num golpe o bordão  
e fico escutando  
ressonâncias estranhas  
como se fossem  
ecos perdidos  
dentro de um búzio.

Lembranças de estiagens  
aventuras e amores  
alegrias tristezas  
tange o violão.

Calmarias e brisas  
temporais do sudoeste  
destelhando casebres  
quebrando milharais

rugidos do mar  
cavalgadas do mar  
blandícias do mar  
canta o violão.

Longinqua toada  
nocturna e vaga  
voz de sereia  
segreda o violão.

Poesia do povo  
desesperos e anseios  
calados do povo  
murmura o violão.

Cânticos das ilhas  
serenatas e bailes  
sem o violão  
não haveria.

Jorge Barbosa  
Ilha do Sal.

«Violão» [começado em 1962]. Ver carta de Jorge Barbosa a Arnaldo França,  
de 28/11/1962, p. 92.

*Jorge Barbosa*

## MOMENTO SUBURBANO

Para Guilherme Chantre

Pela transparência  
do tecido molhado  
surgem os teus  
seios pequenos  
trémulos assim  
escandalosos  
modelados como  
se fossem desnudos...

Menina pobre  
a tua vasilha  
oscila e não cai  
sustida à cabeça.

Com ela vais  
liricamente  
de braços abertos  
e em passos certos

de equilíbrio ágil  
com se andasses  
por uma invisível  
trave suspensa.

Menina pobre  
humilde menina  
poesia breve  
ao sol suburbano.

Ilha do Sal  
Jorge Barbosa

Ágil menina  
descalça que passas  
por uma das ruas  
suburbanas

lavando a vasilha  
de água à cabeça  
vais grácil no teu  
firme andar

com a saia  
rolada no cóis  
suspensa até  
ao meio das ancas.

Põe o sol reflexos  
na pela bronzeadada  
e lisa dos teus  
braços e pernas

e se espelha  
em relâmpagos  
de chama prateada  
na vasilha metálica.

Por ela escorrem  
lentas gotas de água  
que têm o brilho  
e a cor das estrelas

e caem rolando  
uma por uma  
na tua blusa  
tão apertada.



## MENINAS PORTUÁRIAS

Jovens meretrizes  
da cidade portuária  
da Ilha de S. Vicente  
passais com o vosso  
passo em cadência  
como se fósseis  
quase a bailar  
ao som de um tambor  
com as vossas  
saías ao alto  
as pernas ao léu  
a cintura apertada  
a blusa cortada  
ao longo das espáduas.

Passais e vibraís  
os seios incipientes  
as coxas esguias  
e ágeis de poldra.

Meninas à toa  
que andais apressadas  
pela Rua Lisboa  
todavia a vossa  
pressa é fingida  
porque ides a andar  
e a parar por instantes  
defronte das montras  
e ao fim do passeio  
volveis outra vez  
ao vosso percurso...

Incansáveis meninas  
quem vos olha a passar  
ligeiras marchando

quem vos olha e não sabe  
fica a pensar  
que sois na verdade  
assim apressadas.

Meninas tão cedo  
sem tranças nem fitas  
nos cabelos  
onde estarão  
as vossas bonecas  
feitas de trapos  
vestidas com retalhos  
de cores luzidas?

Jovens meretrizes  
da cidade portuária  
ides atentas  
com os olhos nos homens  
que passam por vós  
e olhais de soslaio  
tímidas meninas  
o polícia parado  
no meio da rua.

No giro que dais  
por aí apurastes  
o composto sorriso  
profissional.  
Entretanto ainda  
no sorriso flutua  
uma infantil  
ternura que não  
podeis esconder.

Meninas políglotas  
dos bordéis  
soubestes ali  
palavras e pragas  
na voz estrangeira  
dos marinheiros.

Não vos enganais  
no câmbio e nas contas  
das moedas que tomais  
em troca do amor.

Aprendestes uma  
geografia sumária  
dos nomes das nações  
dos vapores em trânsito.  
Tendes na memória  
histórias e tatuagens  
e imagens de tantos  
estranhos marinheiros  
de raças e cores  
e portos distantes...  
Guardais lembranças  
da escala dos navios:  
retratos infecções  
cicatrizes e até  
às vezes um filho...

Meninas repudiadas  
ninguém se aproxima  
de vós nos caminhos.  
Repudiadas mesmo  
na morte quando morre  
alguma de vós  
só vão as vossas  
tristes companheiras  
ao enterro sem padre.

Meninas das longas  
noites insones  
de orgias e rixas  
jovens meretrizes  
da cidade portuária  
eu não sei porquê  
será esta minha  
tanta ternura  
que eu sinto por vós!

Meninas passais  
a sorrir apressadas  
num leve gingar  
ao serviço do porto...

Ilha do Sal.

Jorge Barbosa

## DILEMA

Paradoxal e trágico  
o secular dilema  
do povo das ilhas.

Espaços e distâncias  
de sobra para todos  
mas onde nós todos  
somos aqui todos demais  
para juntos vivermos.

Ilha do Sal  
1963

## MEMORIAL DE SÃO TOMÉ

### SUeltos Poéticos

1963

(Gravado em fita pela voz do poeta e oferecida ao Sr. José Vieira que, por sua vez, me ofereceu a cassette em 24/5/88).  
A 2.ª estrofe pertence integralmente a uma estrofe do conjunto de poemas que constituem «Memorial de São Tomé».



Nota: Estes poemas foram enviados por Jorge Barbosa a Arnaldo França, com as seguintes anotações prévias:

«13 poemas (ainda não definitivos) de  
Memorial de São Tomé  
de Jorge Barbosa

Reservados à leitura do Jaime, Félix, França e Raul.

Já modifiquei tanto estes poemas que me saturei! O libelo absorveu muito do lirismo. Talvez mude os versos para pequenos «suetos» em prosa.

A princípio, era para enviar uns 3 ou 4 poemas e, afinal, foram 13!

Obs. — Os poemas estão por numerar, e consequentemente sem ordem. O conjunto todo deve incluir umas 18 poesias, já escritas.»

São Tomé, Santo prudente,  
 não sois vós que eu celebrou  
 no meu canto desesperado.

A ilha sim, distante,  
 que tem o vosso nome,  
 aonde vão os mais pobres  
 e humildes da minha terra,  
 fugindo aos males e à fome  
 ainda sem remédio  
 destas ilhas esquecidas.

Homens, mulheres, crianças,  
 contam-se aos centos partindo,  
 em levadas organizadas  
 pela Soemi poderosa,  
 amontoados nos porões  
 da nossa frota imperial  
 e derramados depois  
 nos lanchões dos portos  
 de Santo António e Ana Chaves.

Sem camarotes, sem tarimba,  
 sem bilhetes de passagem,  
 passageiros sequer  
 da classe derradeira,  
 simplesmente arrolados  
 na lista colectiva.

Carregamento apenas  
 com a vantagem preciosa  
 de dispensarem guindastes,  
 despachos alfandegários  
 e prémios de seguro.

São Tomé Apostólico,  
 não sois vós que eu canto  
 na revolta do meu poema,  
 mas tende piedade deles.

Homens, mulheres, crianças,  
 serviçais, nada mais,  
 seguem o rumo traçado  
 na antiga nevegação  
 de Escobar e Alenquer.

É a miséria que os leva,  
 antiqüíssima, de séculos,  
 e a chama também  
 inquieta da aventura  
 que não se apaga mais  
 no sangue dos ilhéus.

Levam ainda no peito,  
 intacta, a esperança  
 em dias bons de algum dia.

Não fosse a fé em Deus  
 assim humilde e tamanha  
 que há meio milénio persiste,  
 firme, nos corações,  
 não fosse a fé em Deus,  
 o povo do Arquipélago  
 tinha de há muito perdido  
 o riso e o optimismo  
 e os seus cantos seriam  
 atormentados e tristes.

Cantigas e danças de roda,  
 giroflé, jardineira,  
 Dona Chencha de Ouro e Prata,  
 a infância das ilhas  
 já as tinha esquecido.

Homens, mulheres, crianças,  
 serviçais, nada mais,  
 anónimos obreiros  
 que asseguram e multiplicam  
 as cifras orçamentais  
 das ilhas afortunadas  
 do Golfo da Guiné.

São Tomé, dia e noite,  
 protegei-os das iras  
 dos administradores  
 e capatazes das roças.

São Tomé, protegei-os  
 dos insectos e das doenças,  
 dos rigores e palmatoadas  
 da severa Curadoria.

São Tomé, protegei-os  
 do relento e do sol,  
 dos bichos e dos homens.

São pobres e sós,  
 serviçais, nada mais,  
 são pobres e sós  
 na ilha do vosso nome,  
 São Tomé, protegei-os.



*Contrasts*

N.º

Eram antes empilhados  
no bojo escuro das naus  
sinistras da escravatura.

Durante dias e noites  
da longa viagem se ouviam  
rumores profundos, dir-se-ia  
vindos do fundo do mar:  
ranger de correntes, cânticos,  
murmúrio de falas estranhas.

Alguma voz tentasse  
lançar ao alto o seu grito  
de praga e desespero!  
Pequena porção bastava  
de cal virgem atirada  
da boca da escotilha  
pra sufocar em segundos  
o ar a indisciplina!

Hoje partem também,  
sem colchões, sem travesseiros,  
amontoados nos porões  
que os roceiros afretam,  
no entanto com algum  
conforto que não havia  
nas naus de antigamente.

E gozam o privilégio  
que a lei generosa estipula:  
uma esteira e um cobertor,  
um prato e uma colher.

Embora sem mais nudez,  
sem mais correntes nos pés,  
mesmo assim, na fantasia  
da minha imaginação,  
por momentos me parece  
que são ainda os mesmos  
viajantes de antigamente  
que ressurgiram agora  
no século prodigioso  
da televisão, dos satélites,  
da Soemi e do átomo.

São Tomé fertilíssimo  
e o Príncipe também,  
guardam no solo fecundo  
o químico e o térmico  
segredo da abundância.

Mas não é da terra que vem  
a sua maior riqueza,  
nem do café, nem da copra,  
do coconote ou do óleo  
rubro das palmeiras,  
nem do cacau reputado  
que lhes dá o ouro e a fama  
que há longa data desfrutam.

A sua maior riqueza  
ainda é o suor barato  
do serviçal cabo-verdiano!

N.º

Romance das roças  
das ilhas famigeradas  
e opulentas do cacau,  
alguém o escreverá  
pra contar a história,  
antiga dos serviçais.

Romance das roças  
audaz intérprete  
de guardadas queixas  
e raivas concentradas,  
brado de algum dia,  
amargurado e hostil,  
clamor de algum dia,  
ressoando além  
do mar que nos prende,  
ecoando afinal  
na consciência dos homens  
responsáveis da Nação!

Romance das roças,  
destemor de algum dia,  
dedo em riste, apontando,  
solene e acusador!

118

N.º

Na escritura notarial  
Sociedade de Emigração  
para São Tomé e Príncipe,  
mas na nossa intimidade  
Soemi simplesmente.

Soemi afamada,  
firme união dos roceiros  
e sua cidadela.

Soemi poderosa,  
com influência e voto  
nas decisões imperiais.

Soemi tentacular,  
os seus agentes se espalham,  
eficientes, pelos recantos  
das ilhas cabo-verdianas.

Soemi caridosa,  
distribuindo abafos e roupas,  
esteiras e cobertores  
aos serviçais na abalada.

Soemi generosa,  
ofertando, espontânea,  
as passagens nos porões  
dos vapores nacionais.

Soemi providencial,  
salvando o povo das ilhas  
da miséria e da fome.

Soemi magnânima,  
Soemi alugando  
o povo do Arquipélago.

119



N.º

Longos anos não há,  
dos confins de Moçambique  
e de Angola levavam  
homens válidos para as roças  
de São Tomé e Príncipe.

Na história dessa aventura,  
passada de voz em voz  
pelas distâncias do Império,  
conhecidos ficaram  
por voluntários da corda.

O sistema adoptado  
era fácil e prático,  
de simplicíssima sequência,  
sem delongas formais:  
requisição, ou pouco mais,  
do Chefe do Posto ao Soba,  
corda apertada nos pulsos  
— e o embarque se fazia  
sem demoras e despedidas.

N.º

Serviçal, uma escala  
acima do escravo,  
refugio de um povo,  
ninguém afinal.

Lembrado apenas  
no inútil canto  
e na recalçada  
revolta dos poetas  
da nossa terra.

A quantos aproveitam  
a tua miséria  
e o teu corpo magro  
marcado pelos ossos!

Por cada inscrição  
para a faina nas roças  
tens cotação fixada  
nas contas da Soemi.

Em moedas o prémio  
dos agentes dispersos  
e atentos pelas ilhas.

Cinquenta de selos  
cobrados para o erário,  
cento e cinquenta ainda  
para os fundos da Assistência  
(ironia pungente  
a tua sorte, serviçal,  
com previsão e receita  
no orçamento do Estado!)

Total trezentas  
moedas por cabeça,  
multiplicação generosa  
das trintas moedas bíblicas  
ao câmbio dos roceiros.

N.º

Mulheres grávidas também há na leva dos que seguem na rota de São Tomé.

E acontecem partos por vezes no reduzido espaço da enfermaria de bordo.

Pobres mulheres do povo, resignadas e confiantes, das ilhas cabo-verdianas!

Não fossem assim fecundas, mais braços não havia para os trabalhos da enxada nos anos bons quando chegam.

Não havia alistamentos, mais gente não havia partindo pra São Tomé.

Trágico e heróico destino que falta ainda contar o das pobres mulheres do povo do Arquipélago!

Foi missão que Deus lhes deu: lançar filhos à terra como quem semeia o futuro,

para que assim se compense, com certa antecedência, a voragem das secas que ainda estão por vir.

Senão em duas estiagens ficava a terra vazia de gente para morrer!

122

N.º

Homens, mulheres, crianças, passageiros dos porões, sem eles o que seria a província equatorial?

Colheitas, exportações, tesouro, economia, Governador, Curadoria, sem eles o que seriam?

Vida larga e palacetes dos roceiros em Lisboa, sem eles o que seriam?

A Bolsa não dava mais a cotação do cacau.

123



N.º

Verdade, verdade, nas roças  
de São Tomé e Príncipe  
não mais os castigos  
que havia antigamente.

Látego, prisão, torturas  
e mortes até que já houve  
mais ali já não há!

Por causa da Onu  
agora é a brandura  
paternal e prudente:  
o bofetão isolado,  
a palmatoada contada  
e pouco mais que se diga

Assim se acata a ordem  
e o prestígio se impõe  
dos capatazes e senhores  
administradores das roças.

124

N.º

Terra longe e sombria  
dos obás impenetráveis  
onde é sempre noite densa.

Terra longe e sombria,  
ali os pretos não têm  
consideração e valor.

A oficializada legenda  
impressa e proclamada  
com citação em discursos  
de flamante retórica  
e firme patriotismo,  
a oficializada legenda  
pretos e brancos são todos  
irmãos e portugueses,  
foi boato que circulou  
pelos recantos do Império  
mas em que nunca ninguém  
jamais acreditou.

Terra longe e fechada,  
como se fosse estrangeira,  
tudo ali é diferente  
para os braços das roças  
que as nossas ilhas lhes mandam.

A vida, a lei, as pessoas  
são mais severas e hostis.  
A chuva cerrada e continua,  
meses inteiros caindo,  
em nossa terra não há,  
nem o verde pesado,  
nem o verde monótono  
da vegetação que não deixa  
clareiras por onde se avistem  
distâncias e viragens.

Abertas ao sol não há  
perspectivas e horizontes  
e as noites são mais tristes.

Tudo ali é diferente  
do que em nossa terra sucede  
e os serviços valem só  
como braços alugados.

Se alguma falta cometem,  
se alguma roça se queixa  
e ela mesma não castiga,  
o que resulta no mínimo  
são as palmatoadas contadas  
na rígida Curadoria.

Mas aqui se consideram  
homens e cidadãos  
com bilhetes de identidade  
e os nomes inscritos  
nos cadernos eleitorais.

Andam dia e noite nas ruas,  
pisando o pavimento  
dos passeios e das praças,  
sem qualquer constrangimento.

Terra longe e sombria,  
tudo ali é diferente  
e a lei para eles  
é a lei do indignato  
que em nossas ilhas não temos.

Cinco séculos recuados  
de civilização e direitos!

125

N.º

Salazar aclamado!

Professor Marcelo Caetano  
Mestre insigne de Direito  
e cidadão prestigiado,  
que um dia dissestes  
que o esperar é uma  
virtude cabo-verdiana  
(5 séculos rolando  
e nós ainda esperando!)

Ministro do Ultramar,  
guardião vigilante  
da nossa colorida  
e dispersa comunidade,  
de cuja inteligência  
vontade e assinatura  
dependem a felicidade  
e o futuro destas ilhas!

Ex-Ministro e Embaixador  
Martinho Nobre de Melo,  
que nunca mandastes  
um recado à nossa terra!

Dois irmão Duarte Silva,  
deputado e comodoro,  
nossos irmãos também,  
que sois personagens  
de mando e influência  
na União Nacional!

Governadores da nossa  
malograda Província  
que vos revezais  
inutilmente nos mandatos  
que a Nação vos confere  
e ainda não destes,  
nem por vós sendo Governo  
que vos mandou até nós,  
o ajustado remédio  
às nossas dificuldades,  
aos nossos males antigos,  
tão antigos que parece  
datarem da hora  
inaugural da Descoberta!

Ministros, Deputados,  
Governadores, Corifeus  
da União Nacional,  
que muito podeis  
e mandais em Portugal  
d'aquém e d'além mar,  
— apelamos por vós,  
por vossa consciência  
por vossa coragem!

Pulverizai finalmente  
o poderio dos roceiros,  
dai sorte mais justa,  
dai vida mais digna  
ao serviçal cabo-verdiano  
nas roças equatoriais.

Vós que muito podeis,  
ao menos restitui-lhe  
o direito à cidadania  
que mais além lhe tirais  
e é privilégio antiquíssimo  
do povo do Arquipélago!



N.º

Serviçais humílimos,  
pernas e braços  
e mãos endurecidas  
para o afã das colheitas,  
cabeças, ombros e costas  
adestrados e prontos  
para o transporte dos frutos.

Serviçais humílimos,  
quem sabe da sua  
conformada existência?

Parece que apenas  
por favor e por decreto  
ainda são criaturas.

Serviçais anónimos,  
cifras possíveis  
nos cofres dos roceiros.

Cada cacoeiro sabe  
a sua história escondida  
que não se pode contar.

São Tomé e Príncipe,  
verdes ilhas de um verde  
monótono e triste,  
para eles representam  
a mais alvoraçada  
e lírica aventura  
da sua remota pobreza,  
a certeza do alimento,  
cansado mas quotidiano  
que em nossa terra lhes falta.

Serviçais humílimos,  
um dia sentem saudades  
e no alvoroço das aves  
migratórias aos bandos  
regressam das ilhas  
afortunadas do cacau  
à penúria e ao desconforto  
das nossas abandonadas.

Voltam aos mesmos porões  
que os haviam levado  
e trazem mais filhos ainda,  
misturados com as malas,  
caixas, sacos, pilões,  
trastes da sua miséria,  
sua bagagem possível.

Chegam débeis e doentes  
com malária e ancilostomiase  
e alguns centos de escudos  
que em poucos dias se gastam  
na alegria da chegada.

Mas a nossa terra não tem  
mais lugar para eles  
e tornam breve a partir  
e partem outros também.

Dramático dilema  
das ilhas cabo-verdianas:  
espaços e distâncias  
de sobra para todos  
mas onde todos juntos  
somos demais para vivermos!

## OUTRAS VERSÕES

### MEMORIAL DE SÃO TOMÉ

em «cassette» gravada pela voz do poeta  
e numerados por ele

### POEMA N.º 3

São Tomé fertilíssimo  
o Príncipe também  
ilhas mais além  
no Golfo da Guiné.

Guardam no fundo  
do solo fecundo  
o químico e o térmico  
segredo da abundância

Assim mesmo  
a sua riqueza maior  
não vem da alquimia  
da terra fecunda.

Não é o café  
o coconote  
a copra  
o óleo espesso  
e rubro das palmeiras

Não é o cacau  
reputado e varioso  
que há muito lhes dá  
a fama que têm.

São Tomé fertilíssimo  
ilhas mais além  
no Golfo da Guiné.

A sua riqueza maior  
é ainda  
o serviço barato  
e anónimo das roças.



### POEMA N.º 3 (cont.)

Braçais que navegam  
a caminho das roças...  
O que seria sem eles  
a província equatorial  
colheitas exportações  
governador economia  
burocracia e tesouro  
sem eles não haveria.

Não haveria mais  
Londres, Paris, Montecarlo  
Vida larga e palacetes  
dos roceiros em Lisboa.

Tornar-se-iam as roças  
serrada mata bravía  
e os frutos rolariam  
pelo solo apodrecidos

Braçais anónimos,  
sem eles a Bolsa de Lisboa  
não dava mais  
cotação do cacau.

Ilha do Sal  
1963

Nota: Dado que retirei estes poemas de uma fita gravada pela voz do poeta oferecida ao Sr. José Vieira, que teve a amabilidade de fazer uma cópia em cassette para me dar, receio que este texto escrito não corresponda exactamente à matriz.

Aliás tendo ouvido já este poema em casa do Dr. Crato Monteiro eles eram constituídos por oito poemas. No Poema n.º 6, o Poeta referia-se à Sociedade de Emigração de São Tomé (SOEMI) responsável pelas condições degradantes dos emigrantes nesses barcos que iam rumo a São Tomé. No final dessa gravação, Jorge Barbosa dizia que os poemas eram provisórios sujeitos a revisão.

Termina dizendo que a sua agressividade era, no fundo a sua imensa ternura pelo povo cabo-verdiano.

### POEMA N.º 4

Se não fossem as mulheres pobres  
deste arquipélago  
mães fecundas e heróicas  
o que seria do povo?  
Como sobreviveria o povo?

5 séculos  
numerados apenas  
por cíclicas estiagens

Mulheres pobres das ilhas  
Deus lhes deu a missão  
de lançar filhos à terra  
para semearem o futuro.

Assim se recompensa  
com precisão  
a voragem das secas  
que passaram  
e das outras por vir.

Se não como haveria  
gente ainda partindo  
a caminho das roças  
de São Tomé e Príncipe?

Como haveria braços  
ainda para a faina  
agrícola das ilhas  
nos anos bons  
quando chegam?

Ignoradas mulheres  
humídes do arquipélago  
não fossem elas  
e a dádiva do seu ventre fecundo  
não fossem elas  
e em dois anos  
seguidos de estiagem  
ficava terra vazia  
de gente para morrer.

## POEMA N.º 5

Romance das roças  
das ilhas além  
opulentas e sombrias  
do Golfo da Guiné.

Romance das plantações  
do cacau e da copra  
da chuva triste caindo  
meses inteiros a fio.

Romance amargurado  
hostil como um libelo  
acerado como um dardo  
alguém o escreverá.

Alguém o escreverá  
num dia que há-de vir  
pra contar a secreta história  
dos serviçais.

Romance corajoso  
voz ressoando afinal  
na consciência dos homens  
responsáveis da nação.

Romance das roças  
mensagem de algum dia  
vibrante e fraterno  
cântico de clarim  
alguém o escreverá.



## MULHER NO ESCURO

Mulher no escuro  
no meio da noite  
surgiu ao meu lado!  
Misteriosa e desnuda  
tão subitamente  
veio e não sei  
de onde nem sei  
quem ela seria.  
Sonâmbula talvez  
transviada na noite.  
Ou a moça  
camareira da Pensão  
(mas a moça não tinha  
assim os cabelos  
caídos e lisos).  
Mulher no escuro  
tão escuro havia  
envolvendo o segredo  
da sua presença  
tão escuro que a noite  
sequer insinuava  
a ilusão  
de sombras paradas  
pelo silêncio.  
Mulher no escuro  
entretanto  
eu a sentia  
com a boca  
o olfato  
e a media  
com os braços  
as mãos  
e o compasso  
dos meus dedos vagarosos.

Mais que a sentia  
imaginava-a  
diluída  
em pensamento.  
Os cabelos  
sedosos e lisos  
talvez da cor  
de bronze incandescente.  
A boca  
não longa  
nem pequena  
nos lábios um certo  
sabor inefável.  
Em seus olhos  
talvez enigmáticos  
um cintilar azul  
de lantejoulas.  
Os seios  
em riste  
nem grandes  
nem pequenos  
cabendo  
na concha das mãos.  
O corpo  
talvez harmonioso  
e ágil  
a cintura flexível  
das trapezistas.  
As pernas delgadas  
e musculosas  
não em demasia  
das nadadoras.

Talvez o andar  
medido e certo  
dos manequins  
passando em desfile  
ou flutuante  
e rítmico  
com o seu quê  
talvez  
de deusa e bailarina.  
Caprichosa e versátil  
a temperatura  
da mulher no escuro:  
álida nos pés  
tépida nas axilas  
morna no ventre  
e no dorso  
até  
à última vértebra.  
No colo  
nas faces  
nos braços  
nos lábios  
nos cabelos  
mesmo nos músculos  
das ancas em decúbito  
a frescura  
das madrugadas.  
Entretanto  
no amor  
nem frígida  
nem cálida  
apenas vibrante  
e silenciosa.  
Oh o imprevisível  
e impreciso  
e múltiplo aroma  
da mulher no escuro!

Múltiplo e uno  
volátil e estático  
aroma a um tempo  
extracto de pétalas  
e ácidos  
e sais  
e algas ao sol  
e brisas marinhas  
e maresias  
isto é:  
aroma  
da boca  
dos lábios  
dos seios vibráteis  
e das axilas.  
Ainda mais:  
aroma  
vagamente  
segredo do sexo.  
Mulher no escuro  
ao menos queria  
vê-la no instante  
veloz de um relâmpago.  
E quis acender  
o pequeno candeeiro  
da cabeceira.  
Alguém o tirara!  
(Pensei outra vez  
na moça  
camareira da Pensão  
mas a moça não tinha  
assim as mãos  
finas e suaves  
o aliado perfume).

Tentei levantar-me  
num rápido salto  
e os braços alerta  
da mulher no escuro  
mais me apertaram  
e mais me prenderam.

Depois  
foi a hipnótica  
ternura dos seus  
dedos magnéticos  
de leve roçando  
o meu rosto  
e as minhas  
pálpebras fechadas.  
Fui pouco a pouco  
perdendo a memória  
que o sono toldava.

. . . . .

Era já alta  
e clara a manhã  
quando acordei.

Mulher no escuro  
desaparecera  
talvez com o último  
segundo da noite.

Da sua presença  
apenas ficou  
um perdido  
bracelete de ouro  
como um halo luzindo  
sobre a marca  
revolta do seu corpo.

. . . . .

Instantes depois  
ao entrar no salão  
repentinamente  
num baque parou  
o meu coração.

Mulher no escuro  
era ela  
a súbita  
visão luminosa!

Era ela  
sentada de frente  
solitária e misteriosa.

Uma chávina  
de chá fumegante  
esperava  
sobre a pequena mesa  
à sua frente.

Os seus cabelos  
caídos e soltos  
cor de bronze  
incandescente  
cintilavam  
à contra-luz da manhã  
filtrada nos cortinados.

Passai  
e sútil  
e rápido  
pousei  
sobre a pequena mesa  
o bracelete de ouro.

Vi-a depois  
calma e luminosa  
mordendo uma torrada  
da cor dos seus cabelos.

Nota: «Gabriel Mariano e Arnaldo França: Eis 'Mulher no escuro' poema longo, de longa combustão. Uma aventura na minha poesia. Escrito inconsequente, impubescível, portanto. S. Vicente, 4 de Maio de 1964.» Jorge Barbosa.

## POEMA

Por causa que tu  
não quiseste dançar  
comigo no baile  
fiquei com um ácido  
no meu coração  
fiquei a pensar  
em mortes violentas  
crimes passionais  
qual escolher  
para te matar.

Isso era antes  
no tempo de eu moço.

Agora tens netos  
e filhos também  
evidentemente.

Entretanto acontece  
que os netos e os filhos  
são de nós dois.

Sal, noite de 8/5/66

In Rev. África, n.º 2, Lisboa, Out./Dez., 1978, p. 148. «Poema» (inédito em livro).  
Escrito na Ilha do Sal, em 1966 (oferecido a José Bizarro e só publicado após  
a sua morte).



## PANFLETÁRIO

Ao poeta José Bizarro

Era para eu  
ser panfletário  
Os meus escritos  
teriam a verrina  
as iras  
e o rubro  
grito da revolta!  
Era para eu  
ser panfletário.  
Combateria  
os tiranos  
os arbitrários  
os agiotas  
os exploradores da miséria  
e do trabalho dos pobres  
os homens poderosos  
e os seus mandatários  
e bajuladores  
e as leis que os protegem.  
Era para eu  
ser panfletário.  
Teria o porte  
audaz e ativo  
e belo  
de um guerreiro.  
Levaria nos olhos  
a chama dos sonhos  
no sorriso um ar  
amargo e triste  
a cabeça ao léu  
impávida erguida  
e a cabeça ao sol  
ao vento

140

e ao frio nocturno  
dos secretos e longos  
caminhos da fuga.

Era para eu  
ser panfletário.

Ao passar pelas ruas  
das pequenas vilas rurais  
então se fechariam  
as portas para mim.  
Talvez pelo exíguo  
espaço de alguma  
janela entreaberta  
os pais me apontassem  
aos filhos tementes  
e lhes segredassem:  
— o panfletário!

Era para eu  
ser panfletário.

Escreveria  
panfletos  
sátiras  
libelos  
seria

o inimigo  
o subversivo  
o foragido  
o perseguido  
o réprobo  
conheceria  
tribunais  
esconderijos  
cárceres  
sentiria

a fome e o cansaço  
teria no corpo  
a tatuagem marcada  
das torturas policiais.

141

Era para eu  
ser panfletário.

Não o fui.  
O magnífico  
e heróico destino  
que eu imaginava  
tão liricamente  
ser o meu  
venceram-no afinal  
a prudência  
o temor  
a família  
venceu-o  
este meu outro  
real  
e melancólico  
destino burocrático.

Era para eu  
ser panfletário.

Agora  
com os resíduos do tempo  
tingindo de branco  
os meus cabelos  
gotejando  
doloroso  
nos meus ossos  
agora  
é já tarde de mais  
para a magnífica aventura.

Era para eu  
ser panfletário.

Ilha do Sal  
Aeroporto, 24 de Novembro de 1966

In Rev. *África*, n.º 2, Out./Dez., 1978, pp. 145-147. «Panfletário» (poema inédito em livro e só publicado depois da sua morte por José Bizarro). (Escrito na Ilha do Sal em 1966). Desenhos de José Bizarro.

## MEMÓRIA

Para Manuel Ferreira

Dos homens não apertara  
as mãos fraternas.

Das mulheres jamais beijara  
a face a boca a espádua e os cabelos  
nem delas nem do amor experimentara  
volúpias emoções e angústias.

Da poesia não soubera  
nem ouvira  
nem compusera  
hexâmetros decassílabos e outros  
rítmos interpostos.

Em livros  
de ciências artes letras navegações  
e histórias  
nunca houvera lido  
o pouco lido que fora  
e não retido.

Não me deslumbrara nas maravilhas  
possíveis que eu vira  
criadas por Deus e pelo homem  
em formas contornos dimensões  
policromias.

Não ouvira  
de Bach e de Beethoven as ressonâncias  
e os silêncios entre os compassos  
em rodas de monos e estereos reversíveis.



Não se me apertara o coração  
por pesares e remorsos  
nem se dilatara  
por surpresas iras e revoltas  
reteso e elástico a bater  
em rufos de  
tambor e cavalhadas.

Vinhos saborosos  
compactas sopas  
repastos longos  
banquetes de homenagem  
dulcíssimas sobremesas  
em espumas cremes e trémulos  
pudins confeccionados  
eu não provara.

Do potro não tivera a timidez  
e a fuga ágil  
nem depois do corcel eu não tentara  
o ardoroso ímpeto inconstante  
nem do rocinante o ora  
fatigado passo não ficara.

A melancolia nunca sentira  
a melancolia  
a mágoa  
e o tédio  
de ser poeta e ser ilhéu.

Tudo isso e o mais inominado  
não houvera vindo  
trazer-me a inquietação  
o riso e o drama das efemérides  
e o peso da memória.

Assim

mais feliz eu fora.

Ilha do Sal — Fevereiro de 1966  
*Jorge Barbosa*

«Memória» para Manuel Ferreira, Ilha do Sal, 1966. Foi publicado no «Diário de Notícias».

## VARREDORES

(Relato para o Senhor Presidente da Câmara Municipal da Ilha de S. Vicente).

Senhor Presidente  
da Câmara Municipal  
da Ilha de S. Vicente:

Eis um relato  
apenas  
e não sei se valeu  
a pena tê-lo escrito.

Relato nocturno  
dos varredores  
e varredoras  
municipais.

São tão anónimos  
e os mais humildes  
dos vossos servidores.

Já os vistes  
Senhor Presidente  
como eles passam  
a desoras em grupos  
vergados e atentos  
sobre a calçada?

Caminham mecânicos  
em passos sincopados  
dos bonecos de corda  
com as vassouras  
síncronas varrendo  
a cidade adormecida.

Na verdade eles são  
os músicos incógnitos  
das sonolentas  
e húmidas madrugadas.

As suas vassouras  
estalam musicais  
com metálicos rangidos  
de folhas ressequidas  
levadas à toa  
no rodopio do vento  
aos pulos e volteios  
raspando os caminhos.

Dão o tom dos violões  
tangem murmúrios  
de água solta  
nas ribeiras  
imitam o ruflar  
das asas e os roncros  
dos pombos nos pombais.

Há entre as vassouras  
uma delas a mais  
melodiosa de todas...

Repentinamente

às vezes entoa

uma estranha

e triste melodia

enquanto as companheiras

fazem em surdina

o contraponto

com a música de fundo.

Despertam uma simples e quase dramática ternura as largas fardas de dril dos homens e mulheres que varrem a cidade.

Os uniformes balouçam caricaturais e bambos nos seus corpos famintos como roupas trémulas de espantalhos ao vento.

Ah Senhor Presidente as fardas que usam representam tudo para eles: a roupa do trabalho o traje quotidiano um dia afinal também a mortalha!

Fardas sem botões dourados sem a perspectiva de postos e galões...

Todavia os homens trazem bonés de rígida pala marcial com o braço bordado da Câmara Municipal.

As sombras nocturnas dos varredores desengonçadas flutuam na calçada polida e nela projectam figuras grotescas aqui e ali redondas e bojudas

ou obliquas e longas. Pois Senhor Presidente são Dons Quixotes e Sanchos de Pança consoante as distâncias das lâmpadas eléctricas.

Na ambulatória orquestra das vassouras camarárias há também o maestro... Instantes antes da luz da manhã a um toque seu a toada se cala.

E o maestro marca a seguir a entrada da última partitura.

As vassouras à uma rompem então uma brutal sinfonia raspando e golpeando com ira incontida o pavimento de pedras.

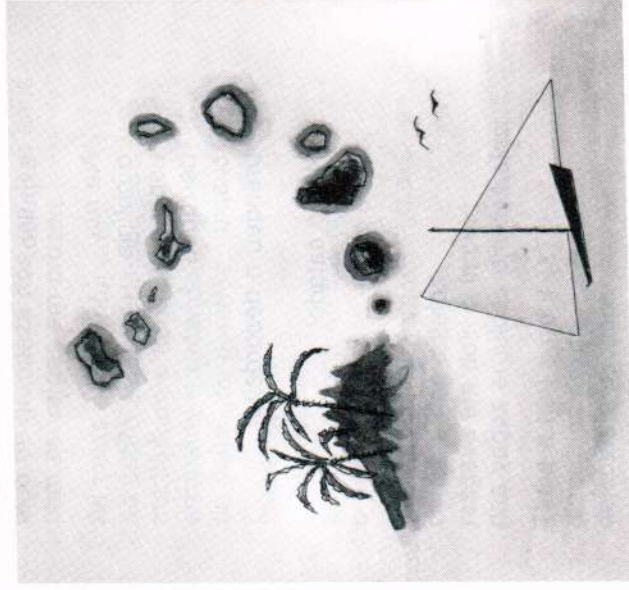
São os ecos Senhor Presidente dos gritos protestos e revoltas que nunca foram vozes!

Mas a música final tão breve extingue-se com o primeiro clarão da manhã. Com ele se extinguem magicamente os varredores e as suas vassouras musicais...

Ora Senhor Presidente talvez nunca tivesseis falado a nenhum.

Ou talvez falareis agora depois deste relato — eu não sei...

Ilha do Sal.  
Jorge Barbosa





## OCORRÊNCIA EM BIRMINGHAM

Para *Gerald M. Moser*,  
com simpatia.

John  
de Birmingham  
Alabama  
USA

entrou na tabacaria.

Foi insultado  
soqueado  
expulso.

Na rua  
o polícia  
espancou  
derrubou  
cuspiu  
prende o desordeiro.

Negro safado!

Ilha do Sal.  
*Jorge Barbosa*

## RELATO DA NAU

Era antigamente  
a primeira nau de escravos  
no rumo do Arquipélago  
rápida navegando  
sob o impulso dos alísios.

Tinha o bojo amplo  
tal como conzinha  
ao transporte de centos de cativos  
no porão aglomerados.

A nau era negraira.  
Contudo possuía  
algo de grandeza nos mastros altos  
com as vergas em cruces.

As velas alvas enfunadas  
ao sopro salgado das brisas  
mantinham o contorno  
arrogante e redondo  
do peito dos pombos.

Insubmersível  
e inquebrável  
a nau sustinha no balanço  
o peso dos tufões e das ondas.

A proa no vai e vem  
cortante dos cutelos  
rasgava em dois o ímpeto  
das vagas erguidas em castelos.

Tinha a nau o odor  
alado dos sexos  
dejectos e micções  
que subia nauseante do porão  
onde vinham negros aprisionados  
na costa africana.

Ora pela viagem  
um dia de repente  
o céu e o mar escureceram.  
A marinagem apressada  
e ágil pelos mastros  
ferrou o velame

excepto a bujarrona  
para a ajuda da nau  
nas rajadas do ciclone  
que breve tombaria.

Na escotilha ficou  
uma fresta para os escravos  
poderem respirar.

E abateu sobre a nau  
a maior tempestade do equinócio.

Desmantelada  
o convés varado pela força  
e pelas iras sonoras da procela  
o navio flutuou três dias  
e três noites à deriva  
enquanto o capitão veterano  
dos mares e oceanos  
amarrado ao leme seguia  
insonne e atento e defendia  
a nau das avalanches  
e dos abismos súbitos das ondas.

Depois que afinal  
amainou a fúria  
dos ventos e das vagas  
abriram ao ar e ao sol  
a boca da escotilha.  
Ao odor que havia  
juntou-se e veio ao cimo  
outro mais nauseante  
dos corpos dos negros que morreram  
de pânico sede fome e asfixia  
nos três dias e três noites da tormenta.

De olhos rígidos  
metálicos  
abertos  
foram com urgência  
lançados ao mar  
os corpos nus putrefactos  
com lastros nos pés  
para o mergulho em vertical.

Não houve orações  
nem foram lidos  
versículos tristemente  
na Bíblia de bordo.  
Talvez nem houvesse nenhum  
temente e breve  
sinal da Cruz.

E o capitão ordenou  
a baldeação sem demora  
do porão e dos escravos  
em grupos vigiados  
ao longo do convés.

Para o prémio de tanto  
esforço e cansaço  
distribuiu aos tripulantes  
a cada um  
quartilho de rum  
uma escrava desnuda  
e deu o dia todo e a noite  
para o sono e repouso.

Ele só ficaria  
no convés de vigia.

Defronte da Virgem  
Senhora dos Navegantes  
no camarote acendeu  
sete velas em coroa  
as primeiras das sete que seriam  
depois sete vezes  
sete dias da semana.

Entretanto com os restos  
dos mastros em estilhas  
e os sobressalentes  
do velame cabos e poleame  
que havia no paiol  
a nau se refez  
depressa para a viagem.

Assim aportou  
a primeira leva  
que vinha cativa  
para o povoamento das ilhas.

Sal, Dez.º de 1966

Jorge Barbosa

Relato da Nau, 1966.



## JUBILO

Nós não fomos presos!

Por isso dancemos  
e cantemos  
defronte das prisões.

Não falámos  
não dissemos  
não gritámos  
não protestámos  
por isso não fomos presos.

Por isso dancemos  
e pulemos e cantemos  
defronte das prisões.

Somos todos  
sensatos  
cordatos  
amigos da ordem  
por isso não fomos presos.

Pulemos e dancemos.

Os nossos papéis  
não foram devassados  
as nossas cartas  
não foram violadas  
as nossas casas  
não foram assaltadas  
as nossas famílias  
não foram sacrificadas.

Por isso dancemos  
e cantemos  
e pulemos contentes  
defronte das prisões.

E louvemos os homens  
prudentes  
sábios  
poderosos  
generosos  
que velam por nós.

Pulemos e cantemos  
e dancemos.

Sal, 23/12/1966

*Jorge Barbosa*

## DEMOGRAFIA

*Ao Dr. Henrique Teixeira de Sousa*

Quanta desgraça não fica  
nas nossas ilhas desfeita  
no começo da vida!

Porque há meninos que morrem  
muitos meninos que morrem  
no começo da vida.

Mesmo assim vai o povo  
dia a dia aumentando  
com tanta teimosia

como as flores bravias  
que revivem heróicas  
através das estiagens.

Vai o povo crescendo  
são os ventres fecundos  
os ventres explosivos

das mulheres humildes  
são os meninos que nascem  
muitos mais dos que morrem!

Daqui a anos não sei  
o que será quando formos  
meio milhão todos nós!

S. Vicente  
26/11/69

*Jorge Barbosa*

Jorge Barbosa, «Demografia» (ao Dr. Henrique Teixeira de Sousa), S. Vicente,  
26/11/69 (poema inédito).

Revistas e jornais em que Jorge Barbosa publicou os seus inéditos:

*Jornal da Europa*, Lisboa, n.º 3, 2.ª série, 22/4/28, p. 1.

*Seara Nova*, Lisboa, n.º 206, p. 214, 430.

*Presença*, n.º 35, Coimbra, Março-Maio, 1932.

*Descobrimento*, Lisboa, vol. 4, 1932, p. 56-57.

*O Diabo*, 4, 23/3/1940.

*Claridade*, n.º 6, Cabo Verde, S. Vicente, 1948.

*Claridade*, n.º 7, S. Vicente, Dezembro, 1949.

*Revista Atlântico*, Lisboa, 3.ª série, n.º 1, 1949.

*Revista África*, n.º 2, Lisboa, 1978.

*Cabo Verde*, S. Vicente, n.º 40, Janeiro, 1953.

*Cabo Verde*, n.º 44, Maio, 1953.

*Cabo Verde*, n.º 50, Novembro, 1953.

*Cabo Verde*, n.º 58, Julho, 1954.

*Cabo Verde*, n.º 62, Novembro, 1954.

*Cabo Verde*, n.º 64, Janeiro, 1955.

*Cabo Verde*, n.º 65, Fevereiro, 1955.

*Cabo Verde*, n.º 67, Abril, 1955.

*Cabo Verde*, n.º 96, Setembro, 1957.

*Cabo Verde*, n.º 97, 1 Outubro, 1957.

*Cabo Verde*, n.º 98, 1 Novembro, 1957.

*Claridade*, n.º 8, S. Vicente, Maio, 1958.

*Cabo Verde*, n.º 123, Dezembro, 1959.

*Cabo Verde*, n.º 166/168, Julho/Setembro, 1963.

*Cabo Verde*, n.º 158, Novembro, 1962.

*Claridade*, n.º 9, 1960.

Garcia de Horta, vol. 9, n.º I, 1961.



# S E A R A N O V A

**revista de  
doutrina  
e crítica**

PUBLICAÇÃO SEMANAL

## S U M A R I O

Portugal figurado. Hernani Cidade — *Satyre*  
sobre os dias. Diogo de Macedo — *Estudo* —  
militar. Obediência de Oliveira — *O Afonso A-*  
rabo. Jorge Barbosa — *Um ano na refregenda*  
de João J. de S. Carlos Pereira — *A Seta*  
Nova e o cabalismo — *O mesmo: Renascer de*  
*arte decorativa em Portugal*, João de Silva —  
*Casos Puros* — *Estilo e decorativa* — *Luís*  
*Republika Democrática, O Esquema* — *George*  
*Portmann*

206

1\$50

156

## Oficina artesanal

A) — Coleção para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa

- 1 — *Coração em África*  
Obra poética de Francisco José Tenreiro  
Pref. de Fernando J. B. Martinho
- 2 — *Poesia negra de expressão portuguesa*  
Mário de Andrade e Francisco José Tenreiro  
Introdução de Manuel Ferreira
- 3 — *Chiquinho*  
Romance de Baltazar Lopes  
Pref. de Alberto Carvalho
- 4 — *Mensagem (a sair)*  
Revista angolana  
Entrevista/introdução com António Jacinto
- 5 — *Clairidade*  
Revista caboverdiana  
Depoimentos de Baltazar Lopes e Manuel Lopes, os dois fundadores vivos
- 6 — *Os trabalhos e os dias*  
Introdução de Manuel Ferreira
- 7 — *Poemas de longe*  
Contos de Baltazar Lopes  
Pref. de Arménio Vieira
- 8 — *O canto do Ossóbó*  
Introdução de Jaime de Figueiredo
- 9 — *O escravo*  
Obra poética de Marcelo da Veiga  
Organização, prefácio e notas de Manuel Ferreira  
Introdução de Inocência Mata
- 10 — *Almanach de lembranças*  
Romance caboverdiano do século XIX de José Evaristo de Almeida  
Pref. de Manuel da Veiga
- 11 — *Emergência e existência de uma literatura — O caso santomense*  
Toda a produção literária africana (1851-1931)  
Levantamento, organização, prefácio e notas de Gerald Moser  
Inocência Mata
- 12 — *Pórtico de Salvato Trigo*  
*Jorge Barbosa (Poesia inédita e dispersa)*  
Prefácio, organização e notas de Elsa Rodrigues dos Santos

B) — *Colecção AFRICANA*

- 1 — *Maria*  
Poesia de José Craveirinha  
Pref. de Rui Knopfli  
Post. de Mário Pinto de Andrade
- 2 — *A casa dos mastros*  
Contos de Orlanda Amarílis  
Pref. de Pires Laranjeira
- 3 — *Cais-do-Sodré té Salamansa*  
Contos de Orlanda Amarílis

A SAIR

- *Quem me dera ser onda*  
Manuel Rui  
Pref. de Luís Bernardo Honwana

C) — *Colecção JUNTAMON*

- 1 — ... e levedando a ilha  
Maria Margarida Mascarenhas  
Testemunho da Autora
- 2 — *A verdadeira dimensão*  
Vasco Martins  
Pref. de Baltazar Lopes
- 3 — *Vinte e tal novas formulações e uma elegia carnívora*  
Luís Carlos Patraquim  
Pref. Ana Mafalda Leite

D) — *Colecção A PRETO & BRANCO*

- 1 — *Que futuro para a língua portuguesa em África?*  
Manuel Ferreira
- 2 — *Novelo de chamas*  
Poesia de Jorge Viegas  
Pref. de Luís Carlos Patraquim